



Relatório das agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto

Projeto CDR MEC CGEE

Relatório das agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto

Relatório das agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto



Brasília, DF
Junho, 2018

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos

Presidente

Marcio de Miranda Santos

Diretores

Regina Maria Silverio

Joaquim Aparecido Machado

Relatório das agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto. Subsídios para a Criação do Programa de Centros de Desenvolvimento Regional - CDR. Brasília: Centro de Gestão e Estudos Estratégicos, 2018.

87 p: il.

1. Plano de Trabalho.
 2. Planejamento.
 3. Cronograma.
 4. Metodologia.
 5. Método.
 6. Ferramenta.
- I. CGEE. II. Título.

Centro de Gestão e Estudos Estratégicos - CGEE
SCS Qd 9, Lote C, Torre C
Ed. Parque Cidade Corporate - salas 401 a 405
70308-200 - Brasília, DF
Telefone: (61) 3424.9600
Fax. (61) 3424 9659
<http://www.cgee.org.br>

Este relatório é parte integrante das atividades desenvolvidas no âmbito do 2º Contrato de Gestão CGEE – 13º Termo Aditivo/Ação: Arranjos institucionais em temas relevantes para políticas e programas em CT&I - Projeto Subsídios para a criação do Programa de Centros de Desenvolvimento Regional – CDR 52.13.07 /MCTI/2017.

Todos os direitos reservados pelo Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE). Os textos contidos neste relatório poderão ser reproduzidos, armazenados ou transmitidos, desde que citada a fonte.

Relatório das agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto

Supervisão

Marcio de Miranda Santos

Equipe técnica do CGEE

Betina Ferraz Barbosa - Coordenação

Alessandra de Moura Brandão

Carlson Oliveira,

Eduardo José Lima de Oliveira

Fábio Augusto Melo Assunção

José Roberto de Lima

Paulo Medeiros

Rayany de Oliveira Santo

Roberto Lazarte Kaqui

Sofia Daher

Thiago Rodrigues Costa Silva

Consultor

Antonio Carlos Filgueira Galvão

Sumário:

- 1. Agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto Campanha**
 - 1.1. Resumo das atividades da 1ª Oficina
 - 1.2. Resumo das atividades da 2ª Oficina

- 2. Agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto Campina Grande**
 - 2.1. Resumo das atividades da 1ª Oficina
 - 2.2. Resumo das atividades da 2ª Oficina

- 3. Agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto Sudoeste Paulista**
 - 3.1. Resumo das atividades da 1ª Oficina
 - 3.2. Resumo das atividades da 2ª Oficina

- 4. Carteiras de projetos dos CDR piloto – modalidades e cronograma de desembolso**

- 5. Carteiras de projetos dos CDR piloto**
 - 5.1. Tabela Resumo: Carteira de projetos Sudoeste Paulista
 - 5.2. Tabela Resumo: Carteira de projetos Sudoeste Paulista
 - 5.3. Tabela Resumo: Carteira de projetos Sudoeste Paulista

1. Agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto Campanha

1.1. Resumo das atividades da 1ª Oficina

O Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e a Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC), em parceria com a URCAMP - Universidade da Região da Campanha, o Corede Campanha e outras instituições, promoveram, em Bagé, a 1ª Oficina de implementação do CDR, Piloto de Bagé/RS no dia 7 de novembro de 2017.

A Oficina constitui iniciativa inscrita no âmbito do projeto desenvolvido pelo CGEE para o MEC voltado à concepção de um programa nacional de apoio à implantação de Centros de Desenvolvimento Regional em Universidades e ICT do país. O evento teve como objetivo articular os atores regionais em torno do apoio ao desenvolvimento da região e definir um conjunto de projetos prioritários para guiar as ações do CDR, dando continuidade às discussões do Centro de Desenvolvimento Regional.

Segundo Jornal Minuano (2017), as autoridades acadêmicas e civis, representantes de órgãos, associações e conselhos se reuniram, na segunda oficina de implantação do Centro de Desenvolvimento Regional. O encontro ocorreu no salão de atos da Universidade da Região da Campanha (Urcamp), em 12 de dezembro.

O projeto-piloto no Brasil que contempla Bagé, no Rio Grande do Sul, intenciona, a partir das experiências, apoiar a organização de uma agenda de iniciativas das instituições da base técnico-científica no interesse do desenvolvimento das suas regiões.

Na cerimônia de abertura da oficina, o diretor do CGEE, Antônio Carlos Filgueira Galvão, ressaltou que Bagé tem uma perspectiva concreta para elaborar uma agenda de desenvolvimento da região, por meio de um aparato de ciência, tecnologia e inovação.

Em Bagé, o CDR estará centralizado na Urcamp, onde ocorrerão discussões e planejamento de propostas e projetos para alavancar o desenvolvimento da região.

CGEE – Antônio Carlos Galvão apresentando proposta inicial



Fonte: Jornal Minuano

Estavam representados nesta oficina a direção do Corede; membros que constituem o Corede; Comudes; Sindicatos; Associações, ADAC; Presidente da Câmara; Câmara de Vereadores; Prefeituras; Conselhos Municipais; Sistema S, SENAC, SENAI, SESI, SEBRAE; Secretarias; Aciba; Cobame; Instituições de Ensino, IFSUL, UNIPAMPA; Prefeitura – Departamentos e Secretarias; Empresários.

Figura 1 – Representantes Regionais



Fonte: Jornal Minuano

A explanações ocorreram inicialmente com a abertura e apresentação. Em um segundo momento, os participantes foram divididos em grupos, os quais discutiram algumas questões, como os pontos fortes e fracos da região; quais as prioridades mais significativas para acelerar o desenvolvimento regional e como as instituições de ensino e centros de pesquisa podem contribuir nesse contexto social

Após as discussões, os relatores dos grupos apresentaram para a plenária os resultados do debate a fim de elencar os alvos que darão o pontapé para a realização de projetos, atendendo as diretrizes que foram elencadas nos grupos de discussão. Entre os eixos debatidos, os grupos elencaram como potencialidade a produção primária, a educação e a energia, dentre outros. Já em relação ao papel das instituições, os grupos entenderam que é possível realizar formações empreendedoras e com olhar para questões regionais, além de estimular a execução de projetos de extensão, a iniciação científica, além de outros pontos estratégicos que poderão beneficiar regionalmente a comunidade.

Os resultados das atividades foram agrupados em torno das questões elecadas a seguir, fruto das atividades organizadas em grupos de trabalho.

QUESTÃO 1: Quais são os pontos fortes e fracos da sua região?

PONTOS FRACOS	PONTOS FORTES
Sistema energético confiável capaz de suportar as agroindústrias.	Alinhamento entre as instituições e as necessidades do mercado de trabalho
Sistema confiável de acesso às Mídias (Comunicação, Internet)	Existência de um complexo grupo de formação de mão de obra.
Infraestrutura e logística (transporte, mobilidade, aviões, trem).	Produtos primários de qualidade e matrizes produtivas diversas.
Plano de Mobilidade urbana (Não há ou está só no plano).	Importante potencial turístico (aspectos históricos e ambientais).
Baixa apropriação de tecnologias na região (Técnicas de manejo no campo) nos seus sistemas produtivos. Carência de Institutos de ponta de agropecuária.	A apropriação de informações durante todo e para além do PED.
Apoio para agricultura familiar – pequenas propriedades. Ativos e estruturas empreendedoras Posição geográfica – distância de grandes centros/consumidores.	Energia Educação Produção Agropecuária
Matriz energética - pólo carboquímico (embora necessite de exploração de novos potenciais - energia limpa). Pólo educacional. Matriz diversificada no setor de produção primária.	Ausência de um diagnóstico que aponte as carências de recursos humanos necessários à região. Falta de estrutura para o desenvolvimento turístico da região. A grande distância da região com relação à capital, impactando na falta de modais de transporte e circulação de bens e serviços

Figura 2 – Representação dos pontos fortes e fracos

Pontos Fortes	Pontos Fracos
<p>Grupo 1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Energia - Educação - Produção agrícola 	<p>Grupo 1</p> <ul style="list-style-type: none"> - Apoio para agricultura familiar - Ativos e estruturas empreendedoras - Posição geográfica
<p>Grupo 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Matriz energética - Polo educacional - Setor de produção primária 	<p>Grupo 2</p> <ul style="list-style-type: none"> - Carências de recursos humanos - Desenvolvimento turístico - Distância da região
<p>Grupo 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Sistema energético confiável - Comunicação - Infraestrutura e logística 	<p>Grupo 3</p> <ul style="list-style-type: none"> - Alinhamento entre as instituições - Sem plano de mobilidade urbana - Baixa apropriação de tecnologias na região

QUESTÃO 2: O que as instituições de ensino podem fazer pelo desenvolvimento da região?

- Iniciação científica no âmbito de Ensino e ensino superior (interação entre pesquisa e extensão).
- Precisam melhorar a interlocução, apropriar-se do diagnóstico da região, incorporar tecnologias.
- Produzir conhecimento, numa linguagem acessível em benefício da nossa sociedade, popularizando a ciência.
- Buscar de forma colaborativa, através de editais, recursos para o desenvolvimento regional.
- Formação empreendedora mais técnica.
- Ambientes de inovação.
- Implantação de áreas portadoras do futuro.
- Formação de mestres e doutores no conjunto das universidades com olhar para as questões regionais.
- Implementar cursos de formação técnica e tecnólogo de nível superior que atendam ao diagnóstico das necessidades de formação de recursos humanos regionais.
- Implantação de um centro de referência em agravos crônicos em saúde e meio ambiente.

- Implementação de programas de extensão e imersão que auxiliem na qualificação de cadeias produtivas e empreendimentos regionais.

Figura 3 – Representação da questão 2

- Grupo 1**
 - Formação empreendedora mais técnica
 - Ambientes de inovação
 - Implantação de áreas portadoras do futuro
 - Formação de mestres e doutores no conjunto das universidades com olhar para as questões regionais
- Grupo 2**
 - ✓ Implementar cursos de formação técnica e tecnólogos de nível superior que atendam o diagnóstico das necessidades de formação regionais.
 - ✓ Implantação de um centro de referência em agravos crônicos em saúde e meio ambiente
 - ✓ Implementação de programas de extensão e imersão que auxiliem na qualificação de cadeias produtivas e empreendimentos regionais.
- Grupo 3**
 - Iniciação científica no âmbito de Ensino e ensino superior (interação entre pesquisa e extensão).
 - Precisam melhorar a interlocução, apropriar-se do diagnóstico da região, incorporar tecnologias.
 - Produzir conhecimento, numa linguagem acessível em benefício da nossa sociedade, popularizando a ciência.
 - Buscar de forma colaborativa, através de editais, recursos para o desenvolvimento regional.

QUESTÃO 3: Que objetivos prioritários são mais significativos para melhorar a qualidade de vida da população e acelerar o desenvolvimento da região?

- Estabelecer as diretrizes, objetivos de desenvolvimento sustentáveis - oferece banco de dados de boas práticas. Agenda global até 2030 ONU.
- Ampliar o suporte de cursos de formação das IESs e consultorias em consonância com as demandas regionais.
- Desenvolver/consolidar centros de saúde e pesquisa que incluam meio ambiente (saneamento e resíduos) e saúde coletiva.
- Formação e capacitação profissional da sociedade.
 - - *Técnicos Agrícolas; Gestores de Turismo*
- Fomentar o Empreendedorismo.
- Agregar valor aos produtos locais.
- Implantar políticas de rede /Cooperativas nas áreas regionais.
- Ampliar a infra estrutura de ambientes de ciência e tecnologia com vistas a atender os sistemas produtivos sustentáveis, com ênfase no conhecimento do Bioma Pampa.
- Ampliar as condições de formação acadêmica/profissional, desde a educação básica até a pós-graduação (bolsas de iniciação científica...).

- Investigar as possibilidades de ampliação das condições de infraestrutura regional (energia, estradas vicinais, pontes, comunicação, monitoramento abigeato).

Figura 4 – Representação da questão 3

Que objetivos prioritários são mais significativos para melhor para a qualidade de vida da população e acelerar o desenvolvimento da região:

Grupo 1	Formação e capacitação profissional	Empreendedorismo
	Técnicos agrícolas	Agregar valor à produtos
	Gestores de turismo	Implantar políticas cooperativas
Grupo 2	Desenvolver/consolidar centros de saúde e pesquisa	Cursos de formação
Grupo 3	Atender sistemas produtivos sustentáveis	Infraestrutura regional
	Ampliar as condições de formação acadêmica/profissional	

Figura 5 - Prioridades



1.2. Resumo das atividades da 2ª Oficina

O Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE) e a Secretaria de Ensino Superior do Ministério da Educação (SESU/MEC), em parceria com a Universidade da Região da Campanha (URCAMP), o Corede Campanha e outras instituições, promoveram, em Bagé, a 2ª Oficina de implementação do CDR, Piloto da região da Campanha/ RS, nos dias 12 e 13 de dezembro de 2017, tendo como objetivo dar continuidade às discussões iniciadas na última reunião, em torno do desenvolvimento regional e fomentar debates.

A Oficina partiu de uma iniciativa inscrita no âmbito do projeto desenvolvido pelo CGEE para o MEC voltado à concepção de um programa nacional de apoio à implantação de Centros de Desenvolvimento Regional em Universidades e ICT do país. O evento teve como objetivo articular os atores regionais em torno do apoio ao desenvolvimento da região e definir um conjunto de projetos prioritários para guiar as ações do CDR.

Sendo assim, com o objetivo de refletir a respeito dos alvos prioritários de desenvolvimento regional estabelecidos na primeira oficina, analisando as demandas existentes e quais serão as ações e projetos que devem ser escolhidos ou criados para avançar o desenvolvimento sustentável da região, na 2.ª oficina de Implementação do CDR, etapa 3 da metodologia para a instauração e início das atividades dos CDR denominada “Elaboração da Agenda”, citada no item 1 deste texto. No período da manhã foi organizado um encontro almoço, antes da realização da oficina que ocorreu na parte da tarde, tendo como representantes convidados: Diretor-Presidente da Fapergs e lideranças regionais, a presença do secretário de Educação Superior do Ministério da Educação, Paulo Barone, criando uma oportunidade para ampliarmos o espectro de apoio ao CDR Campanha, que aconteceu às 12 horas no Cantegril Clube de Bagé, dia 12 de dezembro.



Figura 6- Almoço no Cantegril com Lideranças e Representantes CDR Campanha

Fonte: Jornal Minuano



Figura 7- Almoço no Cantegril com Prefeitos, Autoridades e Representantes CDR Campanha

Na terça-feira, dia 12 de dezembro de 2017, no Cantegril Clube de Bagé, foi realizado um almoço de recepção para a equipe de trabalho que participa da implantação do Centro de Desenvolvimento Regional (CDR).

O encontro reuniu prefeitos da região e autoridades ligadas ao Ensino Superior, que buscam melhorar a qualidade de vida e desenvolvimento regional de pontos elencados como primordiais para cidade.

Na parte da tarde durante a abertura oficial do evento, contou com a participação do secretário de educação superior, professor Paulo Barone, que relatou a iniciativa do projeto e o que se pretende alcançar com o trabalho. Barone enfatizou a importância do envolvimento universitário durante o

processo , onde professores e estudantes podem desenvolver um papel social cada vez mais importante em que Bagé foi uma das cidades escolhidas em razão da questão econômica, geográfica e da presença de duas instituições, a Urcamp e a Unipampa. Em sua fala frisou que: “É preciso trabalhar para fomentar a ligação entre as instituições e a sociedade, as quais possuem um papel importante”. Barone destacou, ainda, que a proposta visa ampliar o conhecimento e à formação de recursos humanos, e que o Ministério da Educação dará todo apoio e que devemos trabalhar com cooperação, sinergia (ação), integração e oferta/demanda.

O diretor do CGEE, Antônio Carlos Galvão, frisou que a oficina tinha como objetivo discutir estratégias, a partir de diretrizes, para, então, construir a segunda capacitação e trabalhar uma carteira de iniciativas elaboradas, começando pela chancela de alvos.

O interlocutor local do CDR Campanha/ RS, professor Cleber Prodanov, destacou que a introdução do centro será importante para o desenvolvimento da região. “O CDR tem que se conectar, dialogar; deve haver uma interlocução e manter todos unidos com o Corede para demandar boas propostas alternativas”, disse. Prodanov acompanhará as ações e trabalhos do CDR, auxiliando com o suporte necessário.

O reitor da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Marco Antonio Fontoura Hansen, comentou que é necessário unir forças e fazer um trabalho em conjunto, beneficiando todas as áreas, dialogando por meio de pontos temáticos. “Focar para conseguir alavancar o desenvolvimento, a qualificação de recursos humanos. Unir as forças vindas da comunidade, atingindo os objetivos de servir de modelo à toda terra” disse.

A reitora da Urcamp e presidente do Corede Campanha, Lia Maria Herzer Quintana, ressaltou que o CDR é de todos. “Não temos solução, mas podemos apontar, por meio de ferramentas alternativas. Temos que construir. Montar um ecossistema favorável ao desenvolvimento local e regional”.

Fonte: Jornal Minuano



Figura 8 – Abertura da Oficina

De acordo com o supervisor do CGEE, a 2ª oficina foi com objetivo de fazer a sociedade pensar nos resultados apresentados através dos grupos para definir os alvos, a fim de discutir os projetos. Uma segunda oficina foi realizada para formar o conjunto de iniciativas de propostas. Segundo Antônio Galvão: *“a partir de agora, todos já estão trabalhando e planejando ações para o desenvolvimento”*.

Na cerimônia de abertura da oficina, o Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul – Fapergs, Odir Antônio Dellagostin, colocou-se à disposição e disse que o projeto é uma oportunidade e estratégia para avançar no desenvolvimento regional.

Já o prefeito de Lavras do Sul, Sávio Prestes, retratou a realidade do município, bem como de indicadores e dados demográficos e assinalou sobre a importância do projeto. *“Precisamos desenvolver a nossa região. Sinto-me gratificado em fazer parte deste momento pioneiro e histórico”*. O secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação de Bagé, Bayard Pereira, também comentou sobre a proposta. *“Uma oportunidade para estabelecer um pacto regional”*.

O evento deu continuidade as discussões do Centro de Desenvolvimento Regional, promovido pela Urcamp e Corede Campanha, voltado à concepção de um programa de implantação de Centros de Desenvolvimento Regional em parceria com universidades e instituições de ciência e tecnologia do País. No total são quatro modelos piloto de CDR, sendo que Bagé foi contemplada com um deles. Trata-se de um trabalho em um conjunto entre as universidades e comunidade, que intenciona, a partir das experiências, apoiar a organização de uma carteira de projetos da base

técnico-científica no interesse do desenvolvimento da região.

Após as discussões com relação a prioridades regionais, os relatores dos grupos apresentaram para a plenária os resultados, elencando as prioridades regionais para a carteira de projetos. Entre os eixos debatidos, os grupos elencaram como potencialidades a produção primária, a educação e a energia, entre outros. Já em relação ao papel das instituições, os grupos entenderam que é possível realizar formações empreendedoras com olhar para questões regionais, estimulando a execução de projetos de extensão, a iniciação científica, além de outros pontos estratégicos que poderão beneficiar regionalmente a comunidade.

As articulações iniciariam em junho, quando o Reitor da Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Marco Antonio Fontoura Hansen e a Reitora da Urcamp e Presidente do Corede Campanha, Lia Maria Herzer Quintana. O CDR terá sua estrutura centralizada no campus central da Urcamp e será constituído, conforme a CGEE, a partir de uma estrutura coordenada interinstitucionalmente, por uma equipe de professores e ou pesquisadores, alunos e secretária executiva.

A oficina discutiu as estratégias, a partir de diretrizes, para, então, elaborar e organizar a segunda oficina de implemetação e trabalhar uma carteira de iniciativas elaboradas, começando pela chancela de alvos.

No evento foi definido um conjunto de projetos prioritários para guiar as ações do CDR, dando continuidade às discussões da oficina de lançamento voltado à concepção de um programa nacional de apoio à implantação de Centros de Desenvolvimento Regional em Universidades e ICT do país.

Ainda na segunda oficina o Diretor do CGEE, Antonio Carlos Filgueira Galvão, deu continuidade apresentando os dados regionais, como indicadores, mapas e sistema. Apresentou também a metodologia de trabalho da oficina, além da validação dos alvos e indicação de projetos.

Fonte: CGEE

ALVO A		AGROFAMILIAR
ALVO B		ENERGIA LIMPA / SISTEMAS SUSTENTÁVEIS
ALVO C		SAÚDE E SANEAMENTO
ALVO D		INFRAESTRUTURA
ALVO E		TURISMO

Figura 9- Alvos

A segunda oficina de implantação do CDR refletiu sobre os alvos estabelecidos na primeira oficina, as demandas existentes e as ações e projetos que devem ser escolhidos ou criados para avançar o desenvolvimento sustentável da região. Ela contou com a discussão de alvos potenciais da região e também de projetos que possam ser trabalhados ao longo dos anos.

Fonte: CGEE

Ponto de partida

1. Chancela dos alvos
2. Carteira de projetos potenciais
3. Discussão dos projetos nos grupos

3.1. Avaliação	Oportunidade	Ameaça
	Adensamento da cadeia	Reconfiguração de mercado
	Tem competência instalada	Evasão de quadros técnicos
	Outros	Outros

3.2. Priorização

Priorizar com base na aderência aos alvos regionais, na avaliação acima e nos pontos fortes e fracos da região

4. Plenária para definição da agenda

Figura 10 – Ponto de Partida para Carteira

Dando continuidade a programação no dia 13 de dezembro, quarta-feira, retornamos para o fechamento da oficina onde retomamos as atividades a partir das 9h, com trabalho dirigido em grupo para definição de projetos, além da sistematização das propostas. Com condução do Diretor do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos – CGEE, Antônio Carlos Galvão, a estrutura da carteira de projetos começou a ser delineada por meio de alguns alvos definidos na primeira oficina, realizada no dia 7 do mês de novembro de 2017. A definição dos alvos foi pautada em discussão com a plenária, sendo reajustada em alguns pontos.

A explanação do CGEE aos membros do Fórum CDR contribuiu para facilitar a compreensão dos objetivos e das diretrizes do CDR (alvos do desenvolvimento regional da 1.^a Oficina), assim como para a formulação de ações concretas (agenda de projetos e iniciativas dessa 2.^a Oficina). Com os Alvos do desenvolvimento regional organizados, com auxílio das prioridades analisadas sob a FOFA, o Fórum do CDR deve priorizar as atividades e projetos. Os cronogramas desses projetos deverão abarcar minimamente o ano de 2018.

Fonte: CGEE (2017)



Figura 11 - Prioridades

Logo após o grande grupo de participantes e presentes no encontro, constituída de representantes de órgãos, associações e entidades dividiu-se em três grupos, conforme suas áreas, nos quais discutiram e indicaram projetos, apontando prioridades com base na aderência de dados regionais e a avaliação conforme os pontos fortes e fracos da região. Os grupos partiram do princípio dos alvos, sendo eles: agrofamiliar, energia limpa/sistema sustentável, saúde e saneamento, infraestrutura, saúde e tecnologia que estaria ligado a todos os demais alvos.



Figura 12 – Grupos trabalhando

Após os debates nos grupos foi retomada a reunião no Salão de Atos da URCAMP, reunindo novamente todo o grande grupo de participantes para fazermos o fechamento.



Após as discussões, os relatores dos grupos apresentaram para a plenária os resultados do debate, para então, dar início a realização da carteira de projetos, atendendo as diretrizes que foram elencadas nos grupos de discussão. Entre os eixos debatidos, os grupos elencaram como potencialidade a produção primária. Já em relação ao papel das instituições, os grupos entenderam que é possível realizar formações empreendedoras e com olhar para questões regionais, além de estimular a execução de projetos de extensão, a iniciação científica, além de outros pontos estratégicos que poderão beneficiar regionalmente a comunidade.

O Fechamento Contribuiu para que os atores a eliminassem as dúvidas, na superação de conflitos e de maneira a organizar os projetos e as iniciativas de acordo com os interesses regionais acordados. Para isso, coube identificar quais são as oportunidades e as ameaças dos alvos trabalhados na primeira oficina e avançar sobre a agenda de projetos nas iniciativas, de forma complementar.

Os temas dos projetos que foram elencados:

- Tecnologia APL (cadeias curtas) – AGROFAMILIAR
- Educação tecnológica – AGROFAMILIAR
- Apoio à criação e à difusão de energias sustentáveis – SISTEMAS SUSTENTÁVEIS
- Tecnologia aplicada sistemas produtivos sustentáveis – SISTEMAS SUSTENTÁVEIS
- Educação ambiental (Bioma Pampa) – SISTEMAS SUSTENTÁVEIS
- Tecnologia e inovação, saúde ocupacional e doenças crônicas – SAÚDE E SANEAMENTO
- Tecnologia de saneamento – SAÚDE E SANEAMENTO
- Ambientes de inovação (Institutos de tecnologia, parques/incubadoras, centro de prototipagem, tecnologia aplicada a infraestrutura) – INFRAESTRUTURA

- Sensibilização da formação empreendedora e inovação (eventos, educação empreendedora, bolsas) – INFRAESTRUTURA
- Tecnologia aplicada a infraestrutura – INFRAESTRUTURA
- Desenvolvimento de roteiros turísticos (patrimônio natural e cultural) – TURISMO

A carteira de projetos elencada como prioritária:

- Projeto 1 - Desenvolvimento e Difusão de Tecnologias para Arranjos Produtivos Locais de Oliveiras, Ovino, Viti e Vinicultura
- Projeto 2 - Monitoramento da Qualidade dos Recursos Naturais (Água e Biodiversidade)
- Projeto 3 - Desenvolvimento e Difusão de Tecnologias Associadas às Energias Renováveis
- Projeto 4 - Centro de Referência em Saúde Ocupacional, Órteses e Próteses Reabilitação e Doenças Crônicas
- Projeto 5 - Educação Ambiental para Conservação e Recuperação de Recursos Hídricos (Rios, Arroios, Córregos e Nascentes) e Tratamento e Reciclagem de Resíduos Sólidos (Lixo)
- Projeto 6 - Criação do Centro de Prototipagem e Novos Produtos (Laboratório de Criatividade e Inovação)
- Projeto 8 - Criação de Roteiros Turísticos na Região da Campanha
- Projeto 7 - Difusão do Acesso a Banda Larga na Região

2. Agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto Campina Grande

2.1. Resumo das atividades da 1ª Oficina

A Primeira Oficina de Alvos ocorreu no dia 9 de novembro de 2017, na Fundação Parque Tecnológico da Paraíba, município de Campina Grande - PB. A Oficina teve como objetivo articular os atores regionais em torno do apoio ao desenvolvimento da região composta pelos 39 municípios, que correspondem à terceira região geo administrativa do Estado da Paraíba e definir um conjunto de alvos de Desenvolvimento Regional prioritários para guiar as ações do CDR.

Neste sentido, a 1ª Oficina foi estruturada em duas etapas, divididas durante os períodos da manhã e da tarde.

Inicialmente foi realizada a cerimônia de abertura, mediante apresentação do Centro de Desenvolvimento Regional e considerações iniciais da equipe do CGEE, do Reitor da UFCG, do Coordenador Regional do CDR e das Secretarias de Desenvolvimento e Articulação Municipal e Ciência e Tecnologia do Estado da Paraíba.

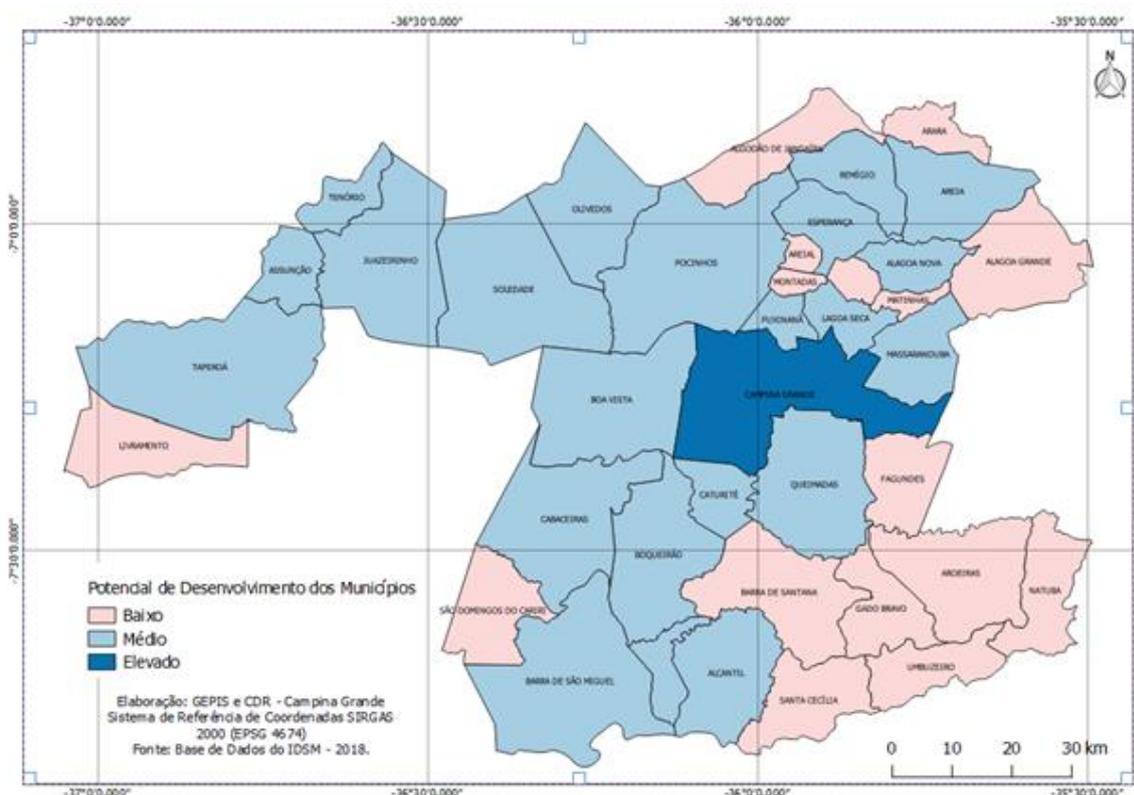
Após a Mesa de Abertura, foi realizada a apresentação de seminários temáticos que tangem os parâmetros da agenda sustentável, as bases de dados sobre as características socioeconômicas regionais e informações dos mapas de competências e conhecimentos disponíveis na região. Na oportunidade, foram realizadas as seguintes apresentações:

- “ Percepção e Expectativas da Região” pelo professor Gesinaldo Ataíde Cândido (Coordenador Regional CDR).
- “Indicadores Socioeconômicos do Estado da Paraíba a partir de dados do Índice de Eficiência na Gestão Municipal (IEGM) do Tribunal de Contas do Estado da Paraíba” pelo Secretário de Desenvolvimento e Articulação Municipal Buba Germano;
- “Relevância e Dinamismo dos Municípios da Terceira Região (Campina Grande) da Paraíba: Uma análise exploratória a partir dos dados da Rais, pelo professor Ricardo Schmidt; e o
- “Índice de Desenvolvimento Sustentável Municipal (IDSM)” pela professora Fátima Martins.

Principais aspectos discutidos abordaram as características dos municípios que compõe a 3 Região Geoadministrativa de Campina Grande e seus diversos aspectos em termos de potencial de desenvolvimento. O Mapa 1 evidencia a região dividida em três grupos, sendo um formado pelos municípios com menor potencial de desenvolvimento, outro com aqueles que apresentam médio potencial e aqueles com maior potencial de desenvolvimento.

Para essa classificação foram consideradas as seguintes variáveis: População total, Taxa de Crescimento Populacional, Densidade Demográfica Km²/hab, Área territorial (Km²), Percentual estimado da População infantil (0-14 anos), Percentual estimado da população jovem (15-29 anos), Percentual estimado da população adulta (30-59anos), Percentual estimado da população idosa (+60anos), PIB per capita, População economicamente ativa – População ocupada, Percentual das receitas oriundas de fontes externas, Diversidade de atividades formais, Número de empresas formais, Percentual de empregos formais na administração pública e Famílias atendidas com programas sociais.

Mapa 1. Potencial de desenvolvimento dos municípios



Fonte: GEPIS e CDR - Campina Grande (2018).

De acordo com o mapa, verifica-se que 16 municípios (Gado Bravo, Fagundes, São Domingos do Cariri, Livramento, Aroeiras, Santa Cecília, Arara, Barra de Santana, Matinhas, Alagoa Grande, Montadas, Umbuzeiro, Natuba, Algodão de Jandaíra, São Sebastião de Lagoa de Roça, Areial) apresenta baixo potencial de desenvolvimento; Com médio potencial de desenvolvimento foram identificados 22 municípios (Olivedos, Riacho de Santo Antônio, Puxinanã, Cabaceiras, Caturité, Massaranduba, Assunção, Remígio, Alcantil, Pocinhos, Juazeirinho, Barra de São Miguel, Boqueirão, Alagoa Nova, Taperoá, Tenório, Lagoa Seca, Areia, Soledade, Esperança, Queimadas, Boa Vista); e

apenas 1 município (Campina Grande) com elevado potencial de desenvolvimento.

Um aspecto que merece destaque em relação aos municípios com baixo potencial de desenvolvimento, consiste na dependência em relação a transferência de recursos do governo federal, principalmente através dos programas sociais. Outro aspecto é a pouca diversidade de atividades econômicas nesses municípios, cuja principal renda formal da população é oriunda da administração pública, conforme evidenciado no Tabela 1.

Tabela 1. Percentual de empregos formais na Administração Pública

MUNICÍPIOS	Empregos formais da Administração Pública (%)
Gado Bravo	98,13
Matinhas	96,97
Olivedos	95,14
Riacho de Santo Antônio	94,70
Natuba	94,67
São Domingos do Cariri	92,37
Barra de Santana	92,23
Tenório	92,21
Algodão de Jandaíra	92,18
Santa Cecília	91,33
Barra de São Miguel	89,50
Livramento	87,32
Alcantil	86,59
São Sebastião de Lagoa de Roça	86,37
Fagundes	85,99
Areial	85,59
Umbuzeiro	85,39

Massaranduba	84,32
Aroeiras	84,29
Assunção	82,46
Montadas	81,86
Puxinanã	73,81
Boqueirão	72,86
Arara	70,78
Pocinhos	69,34
Cabaceiras	69,29
Juazeirinho	69,07
Alagoa Grande	65,57
Taperoá	64,86
Caturité	64,62
Remígio	59,96
Soledade	59,26
Lagoa Seca	58,69
Areia	52,44
Boa Vista	49,90
Alagoa Nova	33,38
Queimadas	32,13
Esperança	22,49
Campina Grande	14,00

Fonte: Elaborado pelo GEPIS e CDR - Campina Grande (2018) com base em:
<http://www.rais.gov.br/>

Verifica-se que na grande maioria dos municípios, os empregos formais estão concentrados na administração pública. Os piores resultados foram

verificados nos municípios de Gado Bravo, Matinhas, Olivedos, Riacho de Santo Antônio e Natuba. Além dos empregos na Administração Pública, esses municípios apresentam de forma muito incipiente outras atividades formais: Gado Bravo tem o comércio; Matinhas tem comércio, serviço e agropecuária; Olivedos comércio e serviços; em Riacho de Santo Antônio, a construção civil, comércio e serviços; em Natuba tem indústria de transformação, serviços e comércio. Apenas 5 municípios apresentam uma distribuição com maior equilíbrio dos empregos formais em outras atividades econômicas, sendo: Boa Vista, Alagoa Nova, Queimadas, Esperança e Campina Grande.

Em relação a Produção Agrícola Municipal (PAM) foram identificadas algumas atividades agrícolas na 3ª região de Campina Grande, sendo abacaxi, batata doce, batata inglesa, cana de açúcar, fava, feijão, mandioca, milho, cebola e tomate, conforme Quadro 1.

Quadro 1. Atividade Agrícolas na 3ª região de Campina Grande em 2016

Município	Atividade
Alagoa Grande	Batata doce, Cana de açúcar, fava, feijão, mandioca, milho
Alagoa Nova	Abacaxi, Batata doce, Batata Inglesa, cana de açúcar, fava, feijão, mandioca, milho
Alcantil	Batata doce, milho
Algodão de Jandaíra	Feijão
Arara	Batata doce, fava, feijão, mandioca, milho
Areia	Batata doce, Cana de açúcar, fava, feijão, mandioca, milho
Areial	Batata doce, batata inglesa, fava, feijão, mandioca, milho
Aroeiras	Batata doce, fava, feijão, mandioca, milho, tomate
Assunção	Fava, feijão, milho
Barra de Santana	Batata doce, fava, feijão, milho
Barra de São Miguel	Batata doce, fava, feijão, milho, tomate

Boa Vista	Feijão, milho
Boqueirão	Batata doce, feijão, milho, tomate
Cabaceiras	Cebola, alho, feijão, milho, tomate
Campina Grande	Abacaxi, Batata doce, Batata Inglesa, feijão, mandioca, milho, tomate
Caturité	Batata doce, feijão, milho
Esperança	Batata doce, batata inglesa, fava, feijão, mandioca, milho
Fagundes	Batata doce, batata inglesa, fava, feijão, mandioca, milho
Gado Bravo	Batata doce, fava, feijão, mandioca, milho
Juazeirinho	Fava, feijão, milho
Lagoa Seca	Batata doce, batata inglesa, fava, feijão, mandioca, milho, tomate
Livramento	Feijão, milho
Massaranduba	Batata doce, fava, feijão, mandioca, milho
Matinhas	Batata doce, Batata Inglesa, feijão, mandioca, milho, tomate
Montadas	Batata doce, Batata Inglesa, feijão, mandioca, milho
Natuba	Fava, feijão, milho, tomate
Olivedos	Fava, feijão, milho
Pocinhos	Batata Inglesa, fava, feijão, mandioca, milho
Puxinanã	Batata doce
Queimadas	Batata doce, feijão, mandioca, milho, tomate
Remígio	Batata doce, feijão, mandioca, milho, tomate
Riacho de Santo Antônio	Fava, feijão, milho
Santa Cecília	Batata Inglesa, fava, feijão, mandioca, milho

São Domingos do Cariri	Cebola, fava, feijão, mandioca, milho, tomate
São Sebastião de Lagoa de Roça	Batata Inglesa, fava, feijão, mandioca, milho
Soledade	Fava, feijão, milho
Taperoá	Feijão, batata doce
Tenório	Feijão, milho
Umbuzeiro	Batata doce, fava, feijão, milho, tomate

Fonte: Elaborado pelo GEPIS e CDR com base em <https://www.ibge.gov.br>

De acordo com os resultados do Quadro 1, os principais produtos das lavouras temporárias são: feijão, mandioca, milho, batata doce e batata inglesa. Vale salientar que a produção agrícola atualmente tem diminuído em função das estiagens na região, que inviabilizam algumas culturas e reduz a produção total.

Diante das questões apresentadas, torna-se oportuno mostrar o resultado geral da avaliação da sustentabilidade dos municípios da região. Para isso, utilizou-se o IDSM (Índice de Desenvolvimento Sustentável para Municípios). O IDSM foi construído a partir das dimensões ambiental, econômica, político institucional e social, cujo resultado final encontra-se na Tabela 2 e Mapa 2.

Tabela 2. IDSM dos municípios da 3ª região de Campina Grande

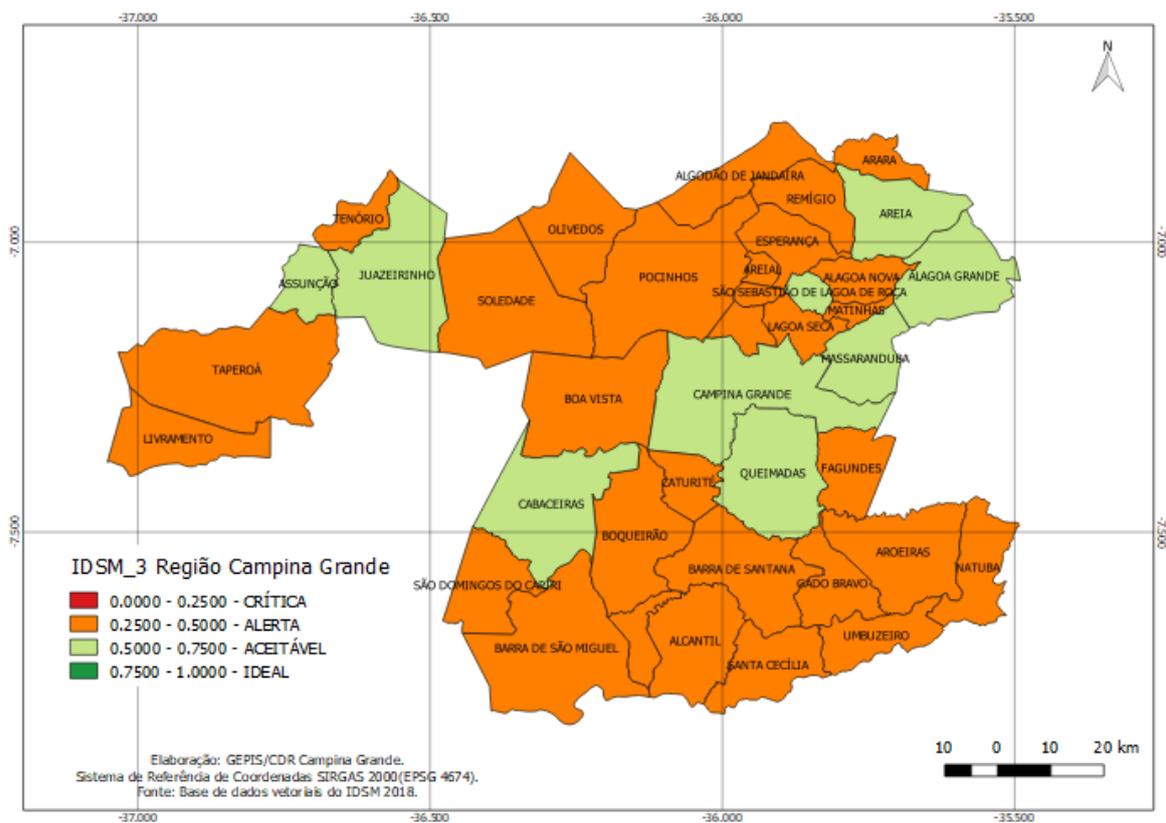
MUNICÍPIOS	IDSM
Campina Grande	0,6349
Cabaceiras	0,5848
Areia	0,5492
Assunção	0,5483
Massaranduba	0,5453
Alagoa Grande	0,5392

Queimadas	0,5176
Juazeirinho	0,5109
São Sebastião de Lagoa de Roça	0,5002
Natuba	0,4992
Tenório	0,4975
Esperança	0,4934
Olivedos	0,4915
Alagoa Nova	0,4871
Boqueirão	0,4855
Lagoa Seca	0,4808
Livramento	0,4785
Soledade	0,4762
Caturité	0,4694
São Domingos do Cariri	0,4679
Remígio	0,4587
Fagundes	0,4483
Barra de São Miguel	0,4472
Matinhas	0,4424
Boa Vista	0,4413
Arara	0,4410
Puxinanã	0,4396
Barra de Santana	0,4349
Umbuzeiro	0,4316
Pocinhos	0,4121
Alcantil	0,4119

Riacho de Santo Antônio	0,3961
Areial	0,3883
Montadas	0,3865
Algodão de Jandaíra	0,3759
Aroeiras	0,3500
Santa Cecília	0,3338
Taperoá	0,3311
Gado Bravo	0,2845

Fonte: Gepis e CDR_Campina Grande (2018).

Mapa 2. IDSM dos municípios da 3ª região de Campina Grande

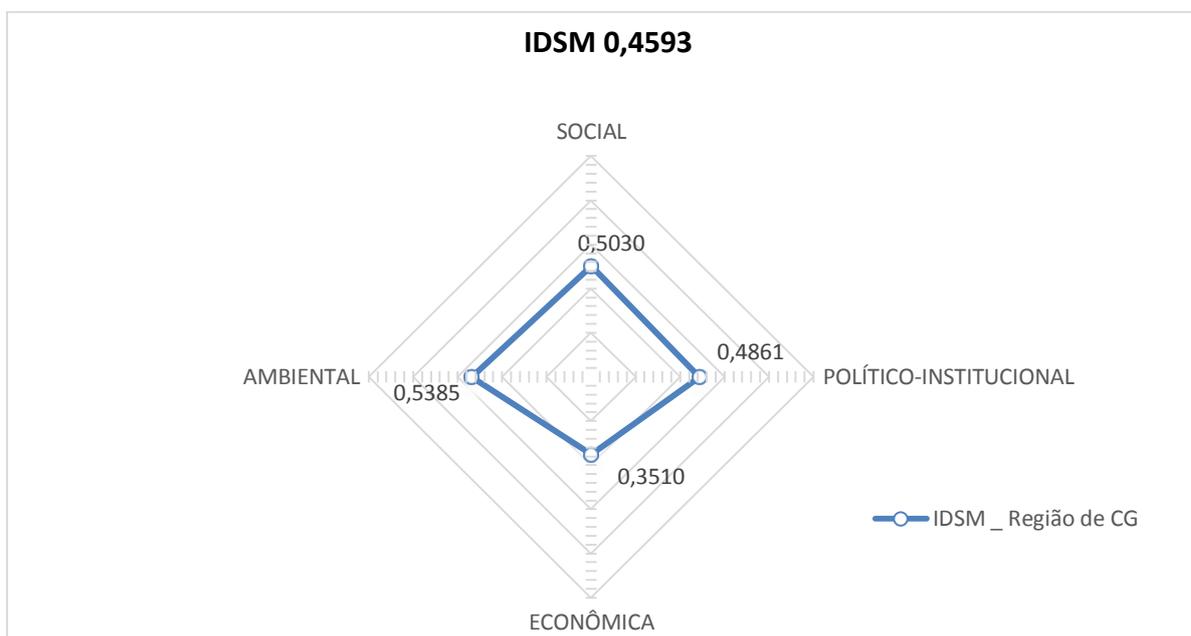


Fonte: GEPIS e CDR - Campina Grande (2018).

Verifica-se com esses resultados que os municípios encontram-se em estado de alerta e aceitável. Os municípios que apresentaram melhor resultado foram: Campina Grande, Cabaceiras e Areia; e os piores: Santa Cecília, Taperoá e Gado Bravo.

Para a 3ª região como um todo, verifica-se os seguintes resultados para as dimensões sociais, ambientais, econômicas e político institucionais, conforme Gráfico 1.

Gráfico 1. IDSM da 3ª região de Campina Grande-PB



Fonte: GEPIS e CDR - Campina Grande (2018).

Os resultados mostram um índice médio para a 3ª região de 0,4593, interpretado como em alerta, tendo um índice ambiental de 0,5385 (aceitável); social de 0,5030 (aceitável); político institucional de 0,4861 (alerta); e um índice econômico de 0,3510, sendo o pior índice observado, o que ressalta a necessidade de fortalecer as atividades econômicas locais, considerando o contexto de cada município.

A partir desses resultados, foram discutidos diversos aspectos referentes ao desenvolvimento da 3ª região.

Por fim, a equipe do CGEE fez a apresentação da metodologia de trabalho da oficina, a ser realizada no período da tarde.

Nesta primeira etapa estiveram presentes os representantes das seguintes instituições:

- Prefeitura de Umbuzeiro: Prefeito José Nivaldo;
- Prefeitura de Alcantil: Secretário Wendell José de Lima Melo;
- Prefeitura de Boa Vista: Secretário Antônio Batista Filho;
- Prefeitura de Tenório: Chefe de Gabinete Martins Celestino;
- Prefeitura de Queimadas: Secretários José Casimiro e Erivaldo Lima;
- Prefeitura de Puxinanã: Secretário Armando Salustiano;
- Câmara de Boa Vista: Presidente José Fernando Leite Aires;
- INSA: Representante da Diretoria Fabiane Batista;
- PAQTCPB: Mayara Amanda; Elisonete Amorim
- IFPB: Katyusco Santos (Coordenador de Inovação) e Maxwell Amaral (Diretor de Inovação e Tecnologia);
- UEPB: Maria José Lima da Silva;
- UFCG: Reitor Vicemário Simões, Equipe CDR (Gesinaldo Cândido, Fátima Martins e Amanda Barbosa), Prof. Ricardo Schmidt Filho e Prof. Ricélia Sales;
- UFPB: Prof. Sinézio Maia (IDEP);
- Orçamento Democrático: Noaldo de Andrade, Cibelle Leal, Diógenes Fernandes e Eudes Leal;
- SEDAM: Andréa Ferreira, Patrícia Menezes e Rubens Germano (Secretário);
- SERHMACT: Francilene Procópio Garcia (Secretária).

A segunda parte da 1ª Oficina consistiu em uma consulta dirigida, mediante utilização da ferramenta ou análise de SWOT (Forças, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), na qual foram colocadas questões sobre o desenvolvimento regional sustentável aos atores do Fórum CDR, a fim de levantar os pontos fortes e fracos da região e as prioridades mais significativas para acelerar o desenvolvimento da região.

Para tanto, os atores presentes foram divididos em dois grupos, 1 e 2, objetivando melhor interação e organização das respostas. Uma vez elencados os pontos fortes e fracos da região, realizou-se a categorização destes pontos em temáticas e organizou-se por ordem de priorização. E, por fim, elegeram-se os alvos de atuação do CDR.

A seguir, apresenta-se o resultado das plenárias dos grupos 1 e 2:

GRUPO 1	
Pontos fortes	Pontos fracos
<ul style="list-style-type: none"> - Grande número de instituições de pesquisa (universidades, IFs e instituições de C&T); - Diversidade de atividades econômicas informais (e formais); - Localização geográfica central no Estado e malha viária (recorte território da Borborema, Cariris Oriental e Ocidental, Seridó e Vale do Paraíba). 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de sinergia entre as instituições; - Falta de diálogo entre o meio acadêmico e a sociedade; - Grande susceptibilidade à degradação dos recursos naturais (e formas indevidas de exploração destes recursos).
O que podemos fazer para melhorar?	
<ul style="list-style-type: none"> - Melhorar a comunicação, em termos de linguagem e de relações pessoais, de forma que as tecnologias desenvolvidas sejam traduzidas em ações que atendam as demandas da sociedade; - Incentivar a extensão para fazer essa interlocução (ou alternativas nesse sentido); - Aprimorar tecnologias sociais já existentes para que sua utilização seja ampliada; - Disponibilizar o acesso ao “banco de competências” instaladas na região para a sociedade. 	
Objetivos Estratégicos	
<ul style="list-style-type: none"> - Atividades familiares (agropecuária, calçados, mineração, confecções, etc.); - Energias renováveis; - Recursos hídricos e recuperação de áreas degradadas. 	

GRUPO 2	
Pontos fortes	Pontos fracos

<ul style="list-style-type: none"> - Polo tecnológico e Educação Técnica/Superior; - Turismo rural / Potencial produtivo agropecuário; - Infraestrutura e Acessibilidade. 	<ul style="list-style-type: none"> - Falta de visão estratégica do planejamento orçamentário municipal; - Ausência de políticas públicas (segurança, recursos hídricos, saúde, etc.); - Falta de organização dos arranjos produtivos.
O que podemos fazer para melhorar?	
<ul style="list-style-type: none"> - Fortalecer a extensão universitária. 	
Objetivos Estratégicos	
<ul style="list-style-type: none"> - Melhorar a qualidade da educação básica (alvo: educação básica); - Disseminar o ensino técnico (alvo: capacitação); - Articular as políticas públicas com as realidades de cada região (alvo: melhorar a eficiência da gestão pública). 	

Diante do que foi apresentado nas plenárias, elencou-se os seguintes **alvos de Desenvolvimento Regional** para atuação do CDR na 3ª Região de Campina Grande:

1. Acesso e formas de utilização dos recursos hídricos;
2. Apoio à Agricultura Familiar;
3. Susceptibilidade à Desertificação;
4. Geração de Energias Renováveis;

Nesta segunda parte estiveram presentes os representantes das seguintes instituições:

- Prefeitura de Alcantil: Secretário Wendell José de Lima Melo;
- Prefeitura de Tenório: Chefe de Gabinete Martins Celestino;
- Prefeitura de Queimadas: Secretário Erivaldo Lima;
- INSA: Representante da Diretoria Fabiane Batista;
- IFPB: Katyusco Santos (Coordenador de Inovação) e Maxwell Amaral (Diretor de Inovação e Tecnologia);

- UFCG: Equipe CDR (Gesinaldo Cândido, Fátima Martins e Amanda Barbosa), Prof. Ricardo Schmidt Filho e Prof. Ricélia Sales;
- UFPB: Prof. Sinézio Maia (IDEP);
- Orçamento Democrático: Noaldo de Andrade, Cibelle Leal, Diógenes Fernandes e Eudes Leal;
- SEDAM: Andréa Ferreira, Patrícia Menezes e Rubens Germano (Secretário);
- SERHMACT: Francilene Procópio Garcia (Secretária).

Avaliação da 1º Oficina de Alvos

Em termos institucionais, a realização da primeira oficina pode ser considerada uma experiência exitosa, na medida em que houve uma maior participação e envolvimento de representantes destas instituições direta ou indiretamente. Um aspecto positivo o foi o fato de ter uma boa participação dos representantes do Orçamento Democrático Estadual. No entanto, a participação das representações municipais pode ser considerada uma experiência que não foi tão proveitosa em função de algumas limitações, tanto na operacionalização, antes da realização da 1ª Oficina, quanto em relação à abordagem adotada. Essa abordagem foi realizada basicamente via e-mail e telefone, quando na verdade, deveria ter sido realizada uma série de ações anteriores, as quais não puderam ser viabilizadas em função do curto período disponível para mobilização destes atores.

Portanto, verificou-se que apenas a utilização destes meios de contato (telefone e e-mail) foram insuficientes para mobilizar as representações municipais. Internamente, foi discutida a necessidade de realização de Workshops preparatórios com esses atores antes da realização da próxima oficina. Cabe ressaltar que, mesmo tendo esse ponto negativo, dos poucos representantes dos municípios, aqueles que estavam presentes tiveram uma participação efetiva no processo de definição dos alvos e deram muitas contribuições em relação à atuação do centro.

2.2. Resumo das atividades da 2ª Oficina

A 2ª Oficina constitui iniciativa inscrita no âmbito do projeto desenvolvido pelo CGEE para o MEC voltado à concepção de um programa nacional de apoio à implantação de Centros de Desenvolvimento Regional em Universidades e ICT do país. O evento teve como objetivo homologar a Carteira de Projetos à luz dos alvos prioritários definidos na 1ª Oficina. Neste

sentido, foram realizados diversos contatos via telefone, e-mail e redes sociais, a fim convidar os atores sociais para a 2ª Oficina. Os contatos resultaram na confirmação de presença dos representantes das seguintes instituições:

- UFCG: Reitor, Equipe do CDR-PB; e professores com projetos pré-selecionados;
- UEPB: Professora representante do Mestrado em Desenvolvimento Regional;
- IFPB: Diretor de Inovação e Tecnologia e professores com projetos pré-selecionados;
- Governo do Estado: Secretarias de Ciência e Tecnologia
- Orçamento Democrático (ODE): Todos os gerentes regionais vinculados à 3ª. Região geo-administrativa do estado da Paraíba;
- Prefeitura Alagoa Grande: Gabinete do Prefeito;
- Prefeitura de Alcantil: Representante da ODE;
- Prefeitura de Algodão de Jandaíra: Gabinete do Prefeito;
- Prefeitura de Areia: Gabinete do Prefeito;
- Município de Areal: Representante de Sindicato;
- Prefeitura de Aroeiras: Gabinete do Prefeito;
- Prefeitura de Barra de São Miguel: Gabinete do Prefeito;
- Prefeitura de Boa Vista: Vice Prefeito;
- Prefeitura de Boqueirão: Gabinete do Prefeito;
- Cabaceiras: Representante do ODE do Município;
- Prefeitura de Fagundes: Gabinete do Prefeito;
- Prefeitura de Gado Bravo: Secretaria de Administração;
- Prefeitura de Juazeirinho: Gabinete do Prefeito;
- Prefeitura de Livramento: Vice-Prefeito;
- Prefeitura de Massaranduba: Secretaria de Administração;
- Prefeitura de Montadas: Prefeito;
- Prefeitura de Natuba: Secretários de Administração e Educação;
- Prefeitura de Olivedos: Secretaria de Administração;
- Prefeitura de Queimadas: Secretaria de Educação;
- Prefeitura de Tenório: Gabinete do Prefeito;
- Prefeitura de Umbuzeiro: Prefeito e Secretaria de Educação.

A Segunda Oficina de Agenda ocorreu nos dias 26 e 27 de março de 2018, no CITTA - Centro de Inovação e Tecnologia Telmo Araújo, município de Campina Grande – PB e foi estruturada da seguinte forma: no primeiro dia, formação da mesa de abertura do evento; apresentação da metodologia do trabalho na Oficina; apresentação da Lista Prévia de Projetos; realização do trabalho em grupo para definir ameaças e oportunidades (FOFA); 1ª seleção da agenda de projetos pela plenária. No segundo dia, realização do trabalho em

grupo para classificação de prioridades dos projetos; 2º seleção de carteira de projetos pela plenária; e definição de equipe, cronograma e custo.

2.1 Primeiro dia: 26/03/2018

O início do evento foi marcado pela mesa de abertura composta por: Vicemário Simões (Reitor da UFCG), Gesinaldo Ataíde Cândido (Professor e Coordenador do CDR-PB), Antônio Galvão (CGEE), Betina Ferraz (CGEE), Fábio Assunção (CGEE) e Francilene Garcia (SERHMACT).

Posteriormente, foi apresentada a metodologia do trabalho da 2ª Oficina pelo Diretor do CGEE Antônio Carlos Filgueira Galvão e a Lista Prévia de Projetos pelo Prof. Gesinaldo Ataíde Cândido. Esta última contou com um total de 16 projetos prioritários, com os seguintes títulos e objetivos:

1. TECA – Torneira Eletrônica Econômica. Objetivo: Instalar torneiras eletrônicas econômicas em residências, pequenas empresas comerciais e industriais, e cooperativas da agricultura familiar, para otimização do uso da água para lavagem e limpeza de utensílios e produtos.
2. Filtro de Água UV+G (“Ultravioleta + Gravidade”). Objetivo: Instalar filtros UV+G em residências e outros locais onde não há acesso a água tratada.
3. Utilização do Reuso da água proveniente de esgoto doméstico tratado para a produção agrícola. Objetivo: Aumentar a produção da agricultura familiar com a introdução de novas formas de cultivo, a partir de técnicas de reaproveitamento de águas residuárias.
4. Continuidade na criação e utilização de tecnologias sociais (TS), visando a autonomia produtiva das comunidades rurais. Objetivo: Disponibilizar Tecnologias Sociais que viabilizem as atividades agrícolas locais, agregue valor aos produtos melhore as condições de trabalho e renda, por meio de mecanismo acessíveis e de baixo custo.
5. Ampliação da produção e comercialização de alimentos agroecológicos e orgânicos na região. Objetivo: Aumentar a produção e comercialização de cultivos agroecológicos e orgânicos na região.
6. Estruturação da rede de cooperação entre os agricultores familiares para fortalecimento das atividades agrícolas na região. Objetivo: Estruturar uma rede de cooperação, visando aumento da produção/comercialização dos produtos e a disseminação das práticas agrícolas aplicadas.
7. Instalação de unidades de produção de hortaliças através da hidroponia, viabilizada por um sistema de produção integrada. Objetivo: Ampliar a produção e comercialização de hortaliças orgânicas, através da

- produção hidropônica, viabilizada por um sistema de produção integrada.
8. Incubadora de agronegócios das cooperativas, organizações comunitárias, associações e assentamentos rurais do Semiárido da Paraíba. Objetivo: Criar incubadoras de agronegócios das cooperativas, organizações comunitárias, associações e assentamentos rurais, cujas características processuais e/ou mercadológicas demandem apoio tecnológico em suas áreas de atuação.
 9. Sistema simplificado de irrigação por capilaridade, para hortas orgânicas e produção de mudas na agricultura familiar. Objetivo: Instalar o sistema e capacitar os agricultores familiares para construção, instalação e utilização de kits simplificados de irrigação por capilaridade, para hortas orgânicas e produção de mudas, contribuindo também para geração de renda.
 10. IrrigaPET Capilar: dispositivo combinado de dessalinização e irrigação localizada, subterrânea. Objetivo: Instalar dispositivos e capacitação de agricultores familiares para construção, instalação e utilização do IrrigaPET Capilar, para dessalinização e irrigação localizada, de forma combinada.
 11. Estratégias de recuperação de áreas degradadas em pequenas bacias hidrográficas no semiárido. Objetivo: Aplicação de tecnologias combinadas de conservação do solo e de recomposição da vegetação como estratégia para a recuperação de áreas degradadas, considerando pulsos de precipitação e as relações do homem com o meio ambiente quando são usadas práticas conservacionistas.
 12. Recuperação de mata ciliar da Caatinga e de áreas degradadas em zonas rurais susceptíveis à desertificação. Objetivo: Recuperar a mata ciliar e áreas degradadas, a partir de enriquecimento da Caatinga com plantas xerófilas visando a produção de forragem, ocupação do solo e o combate à desertificação.
 13. Instalação de dessalinizadores solares. Objetivo: Utilizar os dessalinizadores solar para fornecer água potável às famílias rurais e, com isso, atender as necessidades hídricas de famílias que convivem com a escassez de água de boa qualidade.
 14. Projetos para disseminação de energia solar tanto em espaços urbanos quanto nos rurais. Objetivo: Implementar projetos para ampliar a utilização de energia solar tanto em espaços urbanos quanto nos rurais: Promover a difusão tecnológica do uso da energia solar fotovoltaica em instituições de ensino fundamental e médio nos municípios que compõem a 3ª. Região geoadministrativa do estado da Paraíba.
 15. Microgerador eólico de eixo horizontal (500Wp), de baixo custo e com materiais disponíveis comercialmente. Objetivo: Implantar microgeradores eólico de baixo custo para aproveitamento do potencial eólico na região polarizada por Campina Grande – PB.

16. Aplicação de Tecnologias Analíticas e de Processos Produtivos para Obtenção e Caracterização de Drogas Vegetais Medicinais com Diferentes Tamanhos e Partículas. Objetivo: Produção de lotes piloto de drogas vegetais medicinais com diferentes tamanhos de partículas rumo a escala manométrica, visando a padronização das drogas vegetais obtidas das plantas medicinais *Myracrodruon urundeuva* alemão (aroeira do sertão), *Caesalpinia pyramidalis* tul. (catingueira) *Anadenanthera colubrina* var. *cebil* (angico), *Sideroxylon obtusifolium* (quixabeira), *Maytenus rigida* Mart. (bom nome), mandacaru (*Cereus jamacaru* DC.), Mororó (*bauhinia cheilantha* (bong.) steud.), do gel e pós nebulizado e liofilizado da babosa (*aloe vera*) para dotar as drogas vegetais medicinais de especificações físicas, químicas e biológicas que permita a tornar segura a comercialização de matérias primas vegetais livres de adulteração.

Em segundo momento, os projetos foram analisados pelos atores presentes divididos em 2 grupos de trabalho, no sentido de avaliar Ameaças e Oportunidades (FOFA) das propostas e adequá-las ao contexto do que o grupo entendia como desenvolvimento regional. Em seguida foi realizada uma plenária com a apresentação das ameaças e oportunidades elencadas pelos 2 grupos de trabalho para os 16 projetos.

A partir das discussões da plenária decidiu-se pela fusão de alguns projetos em função das semelhanças em seus objetivos.

Fusão 1:

- Continuidade na criação e utilização de tecnologias sociais (TS), visando a autonomia produtiva das comunidades rurais.
- Estruturação da rede de cooperação entre os agricultores familiares para fortalecimento das atividades agrícolas na região.
- Incubadora de agronegócios das cooperativas, organizações comunitárias, associações e assentamentos rurais do Semiárido da Paraíba.

Fusão 2

- Recuperação de mata ciliar da Caatinga e de áreas degradadas em zonas rurais susceptíveis à desertificação.
- IrrigaPET Capilar: dispositivo combinado de dessalinização e irrigação localizada, subterrânea.
- Estratégias de recuperação de áreas degradadas em pequenas bacias hidrográficas no semiárido.

Com isso, os responsáveis pelos projetos ficaram encarregados de redefinir tais projetos para serem apresentados no 2º dia de oficina.

No primeiro dia da 2ª Oficina, estiveram presentes os seguintes representantes:

Quadro 1. Atores presentes no primeiro dia da oficina.

Nº	Nome	Instituição
1	Vanda Elizabeth Balbino	Areial - ACDASE
2	Emanuela Dias	CDR-DF
3	Amanda de Paula Aguiar Barbosa	CDR-PB
4	Maria de Fátima Martins	CDR-PB
5	Gesinaldo Ataíde Cândido	CDR-PB
6	José Roberto de Lima	CGEE
7	Fábio Augusto Melo Assunção	CGEE
8	Betina Ferraz	CGEE
9	Antônio Carlos F. Galvão	CGEE
10	Frederico Campos Pereira	IFPB
11	Francisco Fechine Borges	IFPB
12	Walmeran Trindade	IFPB
13	Diógenes Fernandes do Nascimento	ODE
14	Cibelle Jovem Leal	ODE
15	Danilo Antônio dos Santos	ODE
16	Eudes Leal	ODE
17	Noaldo de Andrade	ODE
18	Antônio Batista Filho	PM Boa Vista
19	Adriano Sueldon Leite	PM Livramento
20	Aryusca Aryelle	PM Natuba
21	Luiz Guilherme Viana	PM Natuba

22	Martins Celestino	PM Tenório
23	Maria Alice B. de Souza	PM Umbuzeiro
24	José Nivaldo de Araújo	PM Umbuzeiro
25	Francilene Garcia	SEIRHMACT-PB
26	Vanessa Batista Schramm	UFCG
27	Hugo Morais de Alcantara	UFCG
28	Luís Gustavo de Lima Sales	UFCG
29	Ricélia M ^a Marinho Sales	UFCG
30	Sérgio Murilo S. de Araújo	UFCG
31	Vicemário Simões	UFCG
32	Emanuelly Rodrigues Nunes	UFCG

Fonte: Equipe CDR-PB (2018).

2.2 Segundo dia: 27/03/2018

O segundo dia de oficina teve por objetivo a classificação dos projetos por ordem de prioridade para a 3^a Região, bem como a seleção dos projetos para composição da carteira. Antes da priorização foi necessário realizar os ajustes nos projetos que sofreram a fusão. Para isso, foi realizada uma plenária para discussão e ajustes, bem como, alguns esclarecimentos sobre outros projetos da carteira realizado pelos professores proponentes dos projetos.

Como resultados, foi deliberado pela plenária a 1^a seleção de projetos para a formação da carteira da 3^a Região Geoadministrativa com uma lista final de 12 projetos, saber:

1. Filtro de Água UV+G (“Ultravioleta + Gravidade”)
2. TECA – Torneira Eletrônica Econômica.
3. Utilização do Reuso da água proveniente de esgoto doméstico tratado para a produção agrícola.
4. Ampliação da produção e comercialização de alimentos orgânicos na Paraíba.

5. Instalação de unidades de produção de hortaliças através da hidroponia, viabilizada por um sistema de produção integrada.
6. Sistema simplificado de irrigação por capilaridade, para hortas orgânicas e produção de mudas na agricultura familiar.
7. Instalação de dessalinizadores solares
8. Disseminação de energia solar tanto em espaços urbanos quanto nos rurais
9. Microgerador eólico de eixo horizontal (500wp), de baixo custo com materiais disponíveis comercialmente.
10. Aplicação de Tecnologias Analíticas e de Processos Produtivos para Obtenção e Caracterização de Drogas Vegetais Medicinais com Diferentes Tamanhos e Partículas
11. Mapa das Tecnologias Sociais e das oportunidades a partir atividades vinculadas à Agricultura Familiar no Estado da Paraíba.
12. Desenvolvimento de estratégias combinadas e inovadoras de conservação e recuperação de áreas degradadas no semiárido.

Com base nessa lista de 12 projetos foi realizada a priorização através da realização do trabalho em grupo (2 grupos) para classificação de prioridades com base em 3 questões, a saber: Qual o impacto do projeto sobre a economia e sociedade regionais? Qual é o significado do projeto para as instituições da base técnico-científica da região no seu conjunto? Qual é o grau de importância do projeto para a transformação sócio técnica e a mudança de padrões de produção e consumo na região?

Para cada pergunta foram atribuídas notas pelos participantes de cada grupo, sendo calculada no final, gerando a priorização dos projetos. O Quadro 2 apresenta os projetos selecionados com base na decisão dos grupos de trabalho e validado pela plenária do CDR.

Quadro 2. Projetos Selecionados na 2ª Oficina do CDR.

Projetos Selecionados na 2ª Oficina do CDR
1. Disseminação de energia solar tanto em espaços urbanos quanto nos rurais
2. Desenvolvimento de estratégias combinadas e inovadoras de conservação e recuperação de áreas degradadas no semiárido
3. Sistema simplificado de irrigação por capilaridade, para hortas orgânicas e produção de mudas na agricultura familiar.
4. Utilização do Reuso da água proveniente de esgoto doméstico tratado para a produção agrícola.

5. Mapa das Tecnologias Sociais e das oportunidades a partir atividades vinculadas à Agricultura Familiar no Estado da Paraíba.
6. Aplicação de Tecnologias Analíticas e de Processos Produtivos para Obtenção e Caracterização de Drogas Vegetais Medicinais com Diferentes Tamanhos e Partículas
7. Micro gerador eólico de eixo horizontal (500wp), de baixo custo com materiais disponíveis comercialmente.
8. Filtro de Água UV+G (“Ultravioleta + Gravidade”)

Fonte: Equipe CDR-PB (2018).

Após a priorização dos projetos, foram definidas as equipes dos projetos e cronogramas dos projetos. Nesse momento foi realizada uma apresentação pela equipe do CGEE sobre as instruções, modelo e detalhamento dos projetos a serem elaborados e encaminhados para avaliação pelos órgãos de fomento para financiamento. Foram disponibilizados os modelos dos projetos pela equipe do CGEE para os coordenadores.

Estiveram presentes no segundo dia de Oficina os seguintes representantes:

Quadro 2. Atores presentes no segundo dia da oficina.

	Nome	Instituição
1	Vanda Elizabeth Balbino	Areial - ACDASE
2	Janeide Barros R. Balbino	Areial - ACDASE
3	Emanuela Dias	CDR-DF
4	Amanda de Paula Aguiar Barbosa	CDR-PB
5	Maria de Fátima Martins	CDR-PB
6	Gesinaldo Ataíde Cândido	CDR-PB
7	José Roberto de Lima	CGEE
8	Fábio Augusto Melo Assunção	CGEE
9	Betina Ferraz	CGEE
10	Antônio Carlos F. Galvão	CGEE
11	Walmeran Trindade	IFPB

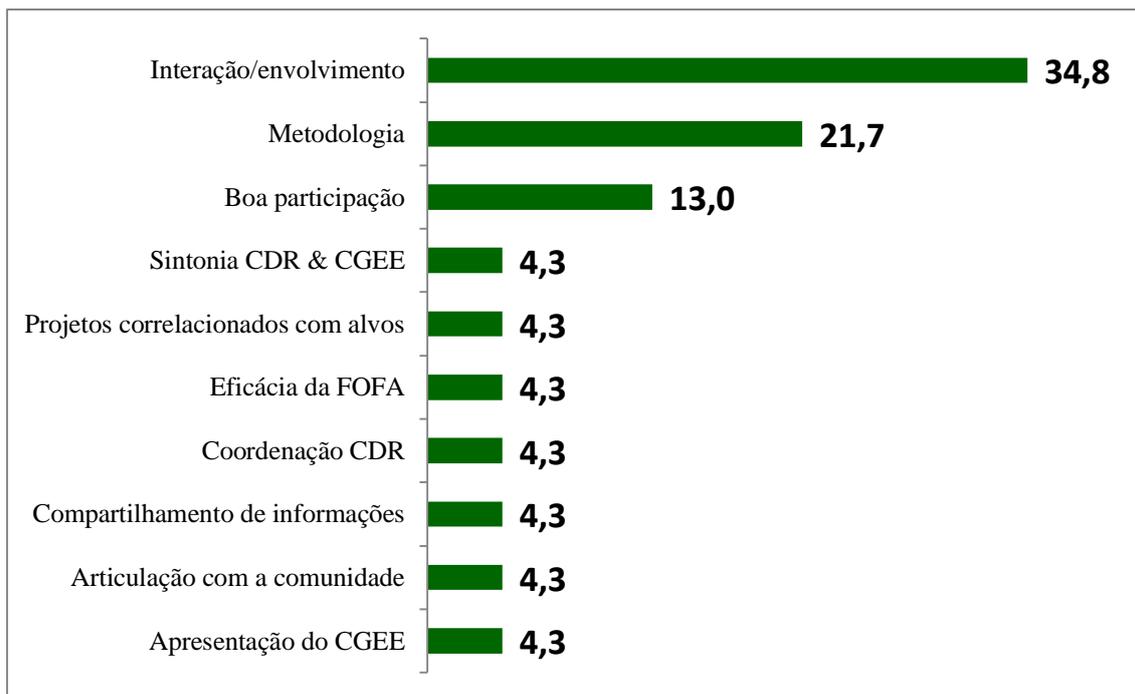
12	Maxwell Anderson	IFPB
13	Diógenes Fernandes do Nascimento	ODE
14	Cibelle Jovem Leal	ODE
15	Danilo Antônio dos Santos	ODE
16	Eudes Leal	ODE
17	Noaldo de Andrade	ODE
18	Martins Celestino	PM Tenório
19	José Nivaldo de Araújo	PM Umbuzeiro
20	Angela Maria C. Ramalho	UEPB
21	Vanessa Batista Schramm	UFCCG
22	Hugo Moraes de Alcantara	UFCCG
23	Luís Gustavo de Lima Sales	UFCCG
24	Ricélia M ^a Marinho Sales	UFCCG
25	Sérgio Murilo S. de Araújo	UFCCG
26	Emanuely Rodrigues Nunes	UFCCG

Fonte: Equipe CDR-PB (2018).

3. Avaliação da 2^o Oficina de Agenda

A avaliação levantou os pontos positivos, os negativos e as propostas de melhorias, conforme os Gráficos 1, 2 e 3 na sequência.

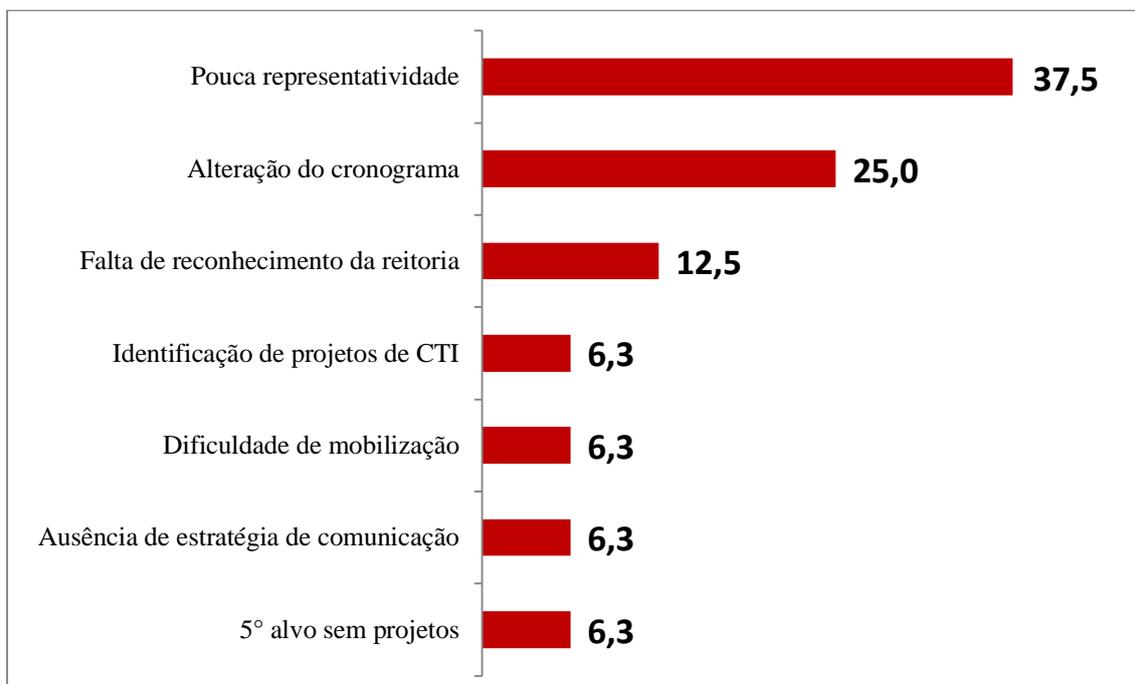
Gráfico 1. Pontos positivos da 2^o Oficina do CDR Região de Campina Grande (%).



Fonte: CDR Região de Campina Grande e CGEE

Ressalta-se como pontos positivos da 2ª oficina: a interação e o envolvimento dos participantes, a metodologia para seleção da carteira de projetos e a boa participação ou contribuição dos participantes.

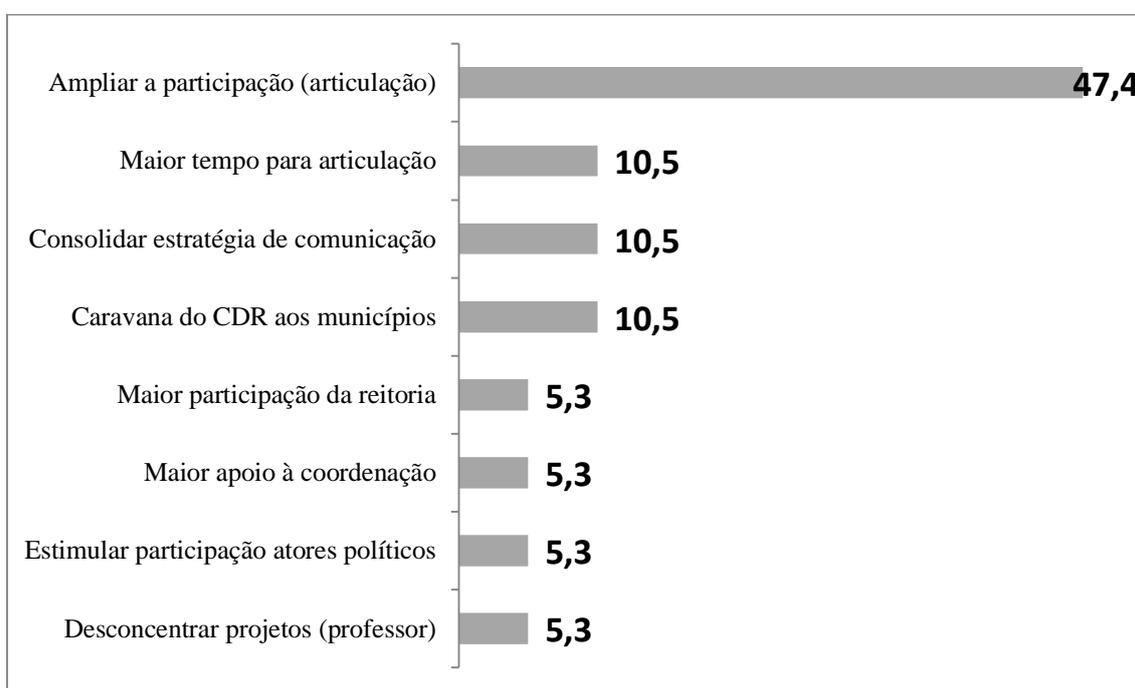
Gráfico 2. Pontos negativos da 2ª Oficina do CDR Região de Campina Grande (%).



Fonte: CDR Região de Campina Grande e CGEE

Como pontos negativos, destaca-se a pouca representativa das prefeituras da 3ª região geoadministrativa, a alteração da data de realização da oficina e a falta de reconhecimento e apoio da reitoria da UFCG ao CDR.

Gráfico 3. Sugestão de melhorias para as futuras oficinas do CDR, CDR Região de Campina Grande (%).



Fonte: CDR Região de Campina Grande e CGEE

Com base nas questões anteriormente levantadas, foram destacadas possibilidades de melhoria, tais como a ampliação da participação dos atores da região, aumentar o tempo de articulação para a realização das oficinas, melhorar as estratégias de comunicação para o reconhecimento do CDR na região e a realização de caravanas nos municípios como forma de mobilizar os atores para participar das atividades do CDR.

3. Agendas de desenvolvimento regional – experiências piloto Sudoeste Paulista

3.1. Resumo das atividades da 1ª Oficina

O CDR Sudoeste Paulista tem uma particularidade em relação aos demais projetos-piloto, que é o seu recorte regional. Na realidade, o CDR conta com vinte e cinco municípios que estão sob a influência de seis importantes Instituições de Ensino Superior (IES) e de Ciência e Tecnologia (ICTs) da região. Em que pese as diferenças existentes entre esses municípios, a homogeneidade regional é notória e prevalectante na medida em que todos comungam da mesma vocação, que é essencialmente agrícola.

A reunião preparatória foi de fundamental importância para a consecução de três objetivos específicos: a definição da configuração territorial e da composição do CDR; o esclarecimento de algumas dúvidas em relação ao projeto CDR/MEC/CGEE; e, sobretudo, a ênfase na concepção de que a construção de um CDR não depende da vontade férrea de um único ator. Muito pelo contrário, essa construção é coletiva e, portanto, só será viabilizada através da participação ativa de todos os atores regionais, que devem perceber o CDR Sudoeste Paulista como um espaço democrático e plural no qual os obstáculos ao desenvolvimento regional são amplamente debatidos e uma visão consensual da região é forjada.

A 1ª Oficina de Implementação do CDR foi realizada no dia 4 de novembro de 2017, no campus da UNESP em Itapeva, com atividades planejadas tanto para a parte da manhã quanto para a da tarde.

O programa desta 1ª Oficina, com todas suas atividades e horários definidos, está explicitado logo abaixo.

PROGRAMA

1ª Oficina de Implementação do CDR Sudoeste Paulista

Data: 4/11/17

Local: UNESP, Campus de Itapeva

Horário	Atividade
9h	Mesa de Abertura
10-12h	Apresentação do Projeto CDR e dos dados regionais A percepção e expectativas da Região Apresentação da metodologia de trabalho na Oficina

12-14h	Almoço
14-16h	Trabalho dirigido em grupo
16-16:30h	Coffee Break
16:30-18h	Sistematização dos resultados (prévias dos Alvos/Projetos)
18h	Encerramento

A mesa de abertura foi composta pelas seguintes autoridades: o Prefeito de Itapeva, sr. Luiz Cavani; o Prefeito de Capão Bonito e Presidente do CONDERSUL¹, sr. Marco Citadini; o Deputado Federal Vitor Lippi; o Deputado Estadual Ulysses Tassinari; o Diretor da UNESP, Dr. Antônio Savi; o Diretor do CGEE, Dr. Antonio Carlos Filgueira Galvão; e, por último mas não menos importante, a Secretária Municipal de Desenvolvimento Econômico de Itapeva e Coordenadora do CDR Sudoeste Paulista, sra. Marimar Guidorzi de Paula (ver Figuras 1 e 2).

Durante a abertura do evento, além das boas-vindas dadas pelo diretor da UNESP, os dois prefeitos, de Itapeva e de Capão Bonito, manifestaram não só o seu contentamento com a iniciativa de se implementar um CDR no sudoeste paulista, como também o seu apoio político e institucional para que o centro gere os frutos desejados para toda a região. Outrossim, o deputado Tassinari sublinhou, em sua breve fala, a relevância do projeto para o desenvolvimento regional e, ao mesmo tempo, se prontificou a dar todo o suporte necessário para o sucesso do projeto.

Fig. 1 – Mesa de Abertura da 1ª Oficina

¹ Consórcio Desenvolvimento das Regiões Sul e Sudeste.



Em seu discurso, o deputado Lippi agradeceu a presença de todos e resgatou a trajetória de construção e viabilização do projeto, trajetória essa que consumiu um esforço considerável de tempo e energia para convencer e aglutinar pessoas em torno de uma causa que pode, e deve, ser de todos: a união de esforços dos atores – notadamente, academia, setor produtivo e governo – em prol do desenvolvimento regional. Essa, na realidade, foi a principal mensagem enfatizada pelo deputado federal, que ressaltou ser o CDR a necessária, e desejada, alavanca para estimular o desenvolvimento da região.

Fig. 2 – Mesa de Abertura da 1ª Oficina



O diretor do CGEE, Dr. Antonio Carlos Filgueira Galvão, foi sucinto e muito direto em sua fala inicial, posto que ele seria, na fase subsequente do programa, o responsável pela apresentação do projeto, dos dados e da expectativa da região e, fundamentalmente, da metodologia que seria empregada na Oficina. De qualquer maneira, ele destacou que a 1ª Oficina tinha três objetivos inter-relacionados: a aproximação de todos os atores regionais; a aderência deles, principalmente das instituições de ensino superior (IES), à realidade regional; e a discussão entre os atores, baseada numa metodologia específica, com vistas à identificação e à definição dos alvos da agenda propositiva do CDR. Esta etapa é, portanto, fundamental para a elaboração da agenda, que será o foco da 2ª Oficina.

Por sua vez, a coordenadora do CDR Sudoeste Paulista, sra. Marimar de Paula, agradeceu a confiança nela depositada para dirigir esse projeto de importância capital para o desenvolvimento social e econômico da região, anunciou a estrutura e a equipe do CDR, e lembrou aos presentes os compromissos assumidos na reunião preparatória, em que a participação ativa de todos os atores regionais nas atividades lideradas, promovidas e organizadas pelo CDR é considerado um fator-chave para a transformação socioeconômica regional.

Torna-se importante destacar aqui que todos os integrantes da mesa de abertura foram unânimes em reconhecer o potencial da região sudoeste paulista e a necessidade desta estimular fortes laços interativos entre os seus atores como um atributo crucial para o almejado desenvolvimento social e econômico regional.

Após a mesa de abertura, o Dr. Galvão, diretor do CGEE, fez uma ampla apresentação, que objetivava: (a) explicar pormenorizadamente o projeto CDR/CGEE/MEC; (b) fornecer, com base nos dados disponíveis, um breve

panorama da região sudoeste paulista; e (c) explanar a metodologia que foi adotada na Oficina (ver Figura 3).

Especificamente em relação ao primeiro item, o diretor do CGEE deixou muito claro para toda a audiência dois pontos nevrálgicos. O primeiro é o de que o projeto visa instituir os alicerces de um futuro programa do Ministério da Educação (MEC), cuja motivação fundamental é dar suporte à criação de CDRs, dotados de capacidade para agregar os distintos e relevantes atores da região, com o claro propósito de promover uma transformação socioeconômica regional. Nesse sentido, o papel dos CDRs, e este é o segundo ponto, é exatamente o de mobilizar os atores regionais - fundamentalmente as IES (na mais ampla acepção do termo), o setor produtivo, a sociedade civil organizada e os governos – com o intuito de realizar um profícuo debate sobre a realidade regional para, num passo subsequente, gerar iniciativas concretas de impacto social e econômico regional.

Fig. 3 – Apresentação do Dr. Galvão na 1ª Oficina



Após a explanação dos principais aspectos do projeto CDR/CGEE/MEC, o Dr. Galvão passou para a segunda etapa de sua apresentação, que se centrou na caracterização do território do sudoeste paulista. Na verdade, os dados e indicadores relativos às dimensões demográfica, econômica e social utilizados mostraram, sem qualquer sombra de dúvida, ao público presente que a região, apesar das diferenças internas existentes, o que vem a ser bastante compreensível na medida em que são 25 municípios que compõem o CDR Sudoeste Paulista, possui um grau considerável de homogeneidade, muito em virtude das vantagens comparativas regionais estarem baseadas na agricultura.

A terceira parte de sua exposição foi dedicada à metodologia, que é um elemento-chave para a realização dos objetivos do projeto. Conforme bem

sublinhou o Dr. Galvão, a metodologia concebida para implantar e, ao mesmo tempo, iniciar as atividades dos CDRs abrange três etapas básicas e essenciais: (a) a articulação e a mobilização dos atores regionais; (b) a definição dos alvos relativos ao desenvolvimento regional; e por fim, (c) a elaboração da agenda. Em função de a primeira etapa ter sido objeto de análise do relatório anterior (Produto 1) e de a terceira estar voltada para a 2ª Oficina, que será contemplada no próximo relatório (Produto 3), o presente relatório (Produto 2) concentrar-se-á essencialmente na segunda etapa, uma vez que o estabelecimento dos alvos é um atributo específico da 1ª Oficina.

Convém observar que a 1ª Oficina foi intencionalmente estruturada em duas partes distintas, porém complementares. Nesse sentido, a primeira parte, de caráter expositivo, teve como foco primordial a apresentação dos objetivos do projeto CDR/MEC/CGEE; a exibição de alguns indicadores socioeconômicos da região do Sudoeste Paulista; e, da mesma forma, a explanação da metodologia do projeto. A segunda parte, por sua vez, foi totalmente dedicada à consulta dirigida, na qual os atores regionais presentes foram divididos em três grupos de trabalho para responder a três questões sobre desenvolvimento regional.

As três perguntas endereçadas aos grupos foram as seguintes:

- 1. Quais são os pontos fortes e fracos da região?**
- 2. O que as Instituições de Ensino Superior e de Ciência e Tecnologia podem fazer de melhor para o desenvolvimento da região?**
- 3. Quais os objetivos prioritários mais significativos para melhorar a qualidade de vida da população e acelerar o desenvolvimento da região?**

O propósito primordial dessa metodologia era exatamente o de provocar o debate, gerar reflexões e estimular, por meio do exercício coletivo, uma possível convergência de ideias e alvos. Cabe aqui salientar que essa atividade coletiva deveria ser facilitada na medida em que todos os atores regionais presentes na 1ª Oficina tinham sido substancialmente munidos de informações não só sobre o projeto, como também sobre a própria região em que atuavam. Além disso, eles estavam bastante cientes de seu importante papel nas atividades delineadas para o início daquela tarde.

Conforme programado, os atores regionais foram divididos em três grupos e encaminhados para distintos ambientes sob a liderança de facilitadores, que conduziram os debates, estimularam as respostas dos grupos e, acima de tudo, os ajudaram a elencar os alvos prioritários. Uma vez cumprida essa missão, cada relator de grupo apresentou os resultados do exercício na plenária, que teve a coordenação do Dr. Galvão.

A seguir encontra-se o resumo das discussões dos três grupos.

GRUPO 1

- **Questão 1**
 - **Pontos Fortes**
 - Diversidade de Produtos:
 - madeira,
 - grãos,
 - minério,
 - potencial turístico, e
 - conhecimento técnico.
 - Localização geográfica.
 - Diversidade de atores
 - Grande e pequenos produtores.
 - Universidades e escolas técnicas.
 - **Pontos Fracos**
 - Baixo valor agregado nos produtos regionais.
 - Modais logísticos e estrutura viária desfavoráveis.
 - Cultura empresarial desunida e baixos índices sociais.
- **Questão 2**
 - Aproximação da academia com a sociedade civil e empresarial, a fim de encontrar meios de desburocratização desta relação.
 - Criação de uma força-tarefa ou Grupo de trabalho específico para este fim.
 - União das universidades e da Comunidade empresarial para agregar valor aos produtos locais (não aos in natura).
- **Questão 3**
 - Alternativas de renda e emprego.
 - Desenvolvimento de capacidades para a vocação local.
 - Esforços para diminuir o déficit logístico regional.
 - Alinhamento dos atores envolvidos.

GRUPO 2

- **Questão 1**
 - **Pontos Fortes**
 - Recursos naturais: água, solo, floresta nativa e recursos

hídricos.

- Agronegócios (pecuária, agricultura, grãos e cereais).
- Agricultura familiar (diversidade produtiva e segurança alimentar).
- Posição geográfica (proximidade de portos e grandes centros consumidores).
- Reservas minerais.

○ **Pontos Fracos**

- Infra-estrutura para o escoamento da produção.
- Baixa representatividade política.
- Baixa agregação de valor na exploração dos recursos naturais da região (agronegócio, mineração e bens ambientais).
- Baixa oferta de energia para o desenvolvimento industrial.
- Baixa qualificação de mão de obra e ausência de programas de pós-graduação multidisciplinares.
- Falta de planejamento para o apoio ao desenvolvimento da região.

● **Questão 2**

- Apoiar o desenvolvimento de metodologias e capacitações de técnicos e gestores públicos.
- Aproximar a gestão pública e a sociedade das universidades.

● **Questão 3**

- Agricultura familiar.
- Agronegócio.
- Turismo.
- Preservação dos recursos naturais e da biodiversidade.

GRUPO 3

● **Questão 1**

○ **Pontos Fortes**

- Agropecuária (agricultura, pecuária e florestal).
- Recursos naturais.
- Infra-estrutura.

○ **Pontos Fracos**

- Falta de acesso à inovação no setor agropecuário.
- Falta de incentivo ao pequeno produtor.
- Falta de qualificação no setor agropecuário.

- **Questão 2**
 - Extensão: qualificação profissional, transferência de tecnologia, busca de soluções para o problema regional.
 - Articular e facilitar projetos para o incentivo do desenvolvimento regional (fixar os jovens a se manterem na região).

- **Questão 3**
 - Geração de emprego.
 - Incentivo à implantação da indústria.
 - Empreendedorismo.
 - Desenvolvimento da educação.
 - Qualificação técnica através de programas de extensão.
 - Infra-estrutura.
 - Desburocratização da comercialização de produtos provenientes do campo.

- **Alvos Prioritários**
 - Agroindústria, agronegócio e agricultura familiar.
 - Capacitação e empreendedorismo.
 - Preservação dos recursos naturais.
 - Turismo.
 - Marketing do CDR.
 - Monitoramento e divulgação dos resultados.

Houve um amplo consenso a respeito do potencial dos recursos naturais e, principalmente, do agronegócio como os motores do desenvolvimento regional. Não é coincidência o fato de a vocação agrícola da região ter sido enfatizada inúmeras vezes. O ponto central a ser ressaltado aqui é que os atores regionais demonstraram ter uma percepção relativamente clara quanto aos mais importantes atributos da região, o que é algo bastante positivo para se desencadear um processo de desenvolvimento. Porém, as acentuadas generalidades nas respostas, externalizadas na plenária, mostraram de maneira inequívoca a existência de reais dificuldades dos grupos formados por distintos atores regionais em fazer escolhas, em pensar coletivamente e em conciliar prioridades com exequibilidade.

Após a apresentação, o debate, a organização e, conseqüentemente, a validação dos resultados na plenária, coube ao Diretor do CGEE fazer o encerramento da 1ª Oficina. Em seu discurso, o Dr. Galvão enfatizou que todos os presentes têm uma relevante missão a ser cumprida, que é uma intensa e frutífera discussão, tendo como base os alvos considerados prioritários, sobre possíveis propostas para o desenvolvimento da região, posto que a 2ª Oficina terá como foco primordial o debate sobre a carteira de projetos para o

Sudoeste Paulista. Nesse sentido, todos os atores estão, desde já, profundamente comprometidos com as futuras ações, o que requer planejamento, para o desenvolvimento regional.

A experiência da 1ª Oficina de Implementação do CDR Sudoeste Paulista revelou-se extraordinariamente positiva sob todos os aspectos. O primeiro ponto a ser mencionado é que os objetivos foram alcançados na medida em que os atores debateram os problemas da região, identificaram os seus pontos fortes e fracos e, acima de tudo, definiram prioridades para alavancar o desenvolvimento regional. Além disso, eles explicitaram de que forma as instituições de ensino superior e de ciência e tecnologia poderiam melhor contribuir para o desenvolvimento social e econômico da região.

Afora a consecução dos objetivos, a 1ª Oficina proporcionou algo até então inusitado, pelo menos nessas proporções, na região, que foi a reunião expressiva de vários atores regionais importantes para debater e refletir sobre a região. Esse exercício não é somente importante para promover uma possível e desejável convergência de ideias e metas, mas também para explicitar, de forma clara e contundente, dificuldades, como as que foram mencionadas anteriormente.

A raiz dessas dificuldades está na diversidade existente de atores, o que necessariamente implica em diferentes lógicas e percepções de mundo, as quais usualmente geram incompatibilidades e desconfiança, sentimentos responsáveis por gerar obstáculos concretos para uma fecunda interação entre os atores regionais. Isso significa que os atores, em geral, buscam contribuir para o desenvolvimento de suas regiões através de ações isoladas. É exatamente este *modus operandi* dominante que se torna um verdadeiro impedimento para reflexões e ações coletivas. Entretanto, cabe aqui sublinhar que todas essas dificuldades não se constituem num privilégio da região do Sudoeste Paulista, uma vez que a literatura existente fornece abundantes e diversificados exemplos de obstáculos entre os atores regionais e, por conseguinte, ao próprio engajamento regional deles.

Outrossim, essa mesma literatura aponta que a interação entre os atores não é só factível como também desejável. Na verdade, ela constitui-se num pilar fundamental do processo de desenvolvimento regional. De fato, além de propiciar um maior grau de vinculação e de comprometimento de todos os atores com as necessidades e realidades regionais, as interações geram um maior grau de coesão regional, forjam uma visão de futuro e ampliam substancialmente as chances de se alavancar o desenvolvimento regional, daí o mérito da metodologia empregada nessa Oficina.

Uma condição crucial para que o processo de desenvolvimento seja deflagrado

na região do Sudoeste Paulista – e obviamente nas demais regiões em que os CDRs estão sendo implementados é a definição das prioridades. De fato, a tomada de decisão é um processo eminentemente político e não técnico, uma vez que este último tão somente subsidia a decisão política. Portanto, é necessário escolher projetos que sejam exequíveis, ou seja, aqueles que podem ser desenvolvidos com os meios disponíveis. A dificuldade de se fazer escolhas, revelada pelo exercício coletivo realizado na segunda parte da 1ª Oficina, ilustra perfeitamente a importância desse evento e, ao mesmo tempo, a magnitude do desafio da missão do CDR, que é um espaço de consenso, no qual se busca a convergência de ideias e objetivos entre os distintos atores regionais acerca do futuro da região.

As dificuldades explicitadas anteriormente fazem parte do processo de construção do caráter de uma região e, portanto, não indicam em absoluto que sejam intransponíveis. Muito pelo contrário. Elas são completamente superáveis desde que haja um real desejo dos atores, que precisam se sentir estimulados e parte integrante de um processo de transformação regional. Nesse sentido, a coordenação desse processo pelo CDR adquire importância capital. Como foram concebidos como verdadeiros espaços de consenso, cabe ao CDR estimular e viabilizar as sinergias entre os atores com o propósito claro e inequívoco de promover o desenvolvimento social e econômico regional.

Em virtude da experiência dessa 1ª Oficina, a coordenação do CDR e os atores regionais assumiram o compromisso de iniciar a 2ª Oficina, evento esse que será realizado em março de 2018, com uma carteira de projetos definida e pactuada pelo conjunto de atores da região do Sudoeste Paulista. Portanto, a tarefa vital no intervalo entre as duas Oficinas é discutir as prioridades regionais, superar possíveis conflitos e, sobretudo, estabelecer os projetos que fomentarão o desenvolvimento da região.

3.2 Resumo das atividades da 2ª Oficina

O evento ocorreu na FATEC de Capão Bonito nos dias 01 e 02 de março de 2018, contando com a presença dos conselheiros, professores das unidades envolvidas e de diversas lideranças regionais, resultando em boa amostragem de atores do território, conforme identificado na composição da governança (anexo I).

Destaca-se também a presença do secretário de educação superior do MEC, Dr. Paulo Barone, do Deputado Dr. Vitor Lippi, do presidente da ADS Dr. Rodney Abud, bem como da equipe do Centro de Gestão e Estudos Estratégicos (CGEE), formada pelo diretor Dr. Antonio Carlos Filgueira Galvão, pela coordenadora nacional do CDR Dra. Betina Ferraz Barbosa, e os técnicos assessores Fábio Augusto Melo Assunção e José Roberto de Lima. Além do interlocutor estadual do CDR|Sudoeste Paulista prof. Dr. Mauricio Serra e Daniel Hofling consultor externo do CGEE.

A metodologia adotada na condução da oficina foi estruturada em dois dias, tanto no período da manhã como da tarde, conforme descrito a seguir:

Primeiro dia: O período da manhã contou com mesa de abertura com a participação de diversas autoridades, seguida da apresentação da metodologia de trabalho a ser executada no decorrer de toda a Oficina. Logo em seguida, realizou-se a apresentação da lista dos 24 projetos (conforme disposto no Produto 3) pela coordenadora regional do Centro de Desenvolvimento Regional do Sudoeste Paulista.

No período da tarde, após divisão dos participantes em 3 grupos heterogêneos (com membros das variadas instituições e setores), foi realizada a análise dos projetos através da leitura dos *templates* e identificação dos principais pontos conforme os alvos identificados baseados na matriz FOFA (fortalezas e oportunidades; fraquezas e ameaças).

Segundo dia: No período da manhã, em continuidade ao processo de análise dos projetos, ainda em grupo, foi dada continuidade a aplicação da matriz FOFA (fortalezas e oportunidades; fraquezas e ameaças), conforme anexo II, seguida da atribuição de prioridades.

A definição de prioridades (anexo III), foi realizado por meio de três questões: *Qual é o impacto do projeto sobre a economia e sociedade regionais? Qual é o significado do projeto para as instituições da base técnico-científica da região no seu conjunto? Qual é o grau de importância do projeto para a transformação sociotécnica e a mudança de padrões de produção e consumo da região?*

Para cada uma das perguntas atribuíam-se uma nota de 1 a 3 para cada projeto, sendo: 1 – alta prioridade, 2 – média prioridade, e 3 - baixa prioridade.

No período da tarde o resultado de cada grupo foi então apresentado em plenária que, após debate, gerou a carteira final de projetos do CDR Sudoeste Paulista, conforme anexo IV.

A execução da Segunda Oficina foi plenamente satisfatória e compensadora, tanto pela demonstração de interesse e participação do evento em ambos os dias, como pelo andamento das atividades e a priorização dos projetos.

Houve grande participação e contribuição durante as atividades em grupo, com diferentes ideias para os mais variados projetos, e até mesmo a demonstração inicial de interesse em unir projetos ou promover parcerias futuras.

Apesar de se perceber que houve maior facilidade de entendimento de alguns projetos cujo autor estava presente, visto que o mesmo era mais bem defendido ou interpretado, tal fato não causou interferência no resultado final da avaliação, não comprometendo assim a metodologia adotada.

Ao final da oficina, pode-se sentir que inicialmente, mesmo com alguns projetos não priorizados, e conseqüente interesse pessoal não atendido, houve compreensão e aceitação por parte de todos os presentes.

Pode-se dizer que todas as instituições saíram da oficina satisfeitas e esperançosas com os resultados e as atividades futuras do CDR Sudoeste Paulista.

A partir da observação das ações realizadas durante a 2ª oficina, apresenta-se como proposta e contribuição à realização de uma pré-seleção dos projetos conforme o alvo, anterior a realização da plenária. Sugere-se ainda a realização de pequenas apresentações de cada um dos projetos, e não apenas a leitura de algumas informações, assim, pode-se de uma forma mais justa, nivelar ou facilitar, o entendimento independente da composição dos grupos participantes.

4. Carteiras de projetos dos CDR piloto – modalidades e cronograma de desembolso



Configuração básica dos setores representados nos CDR (Fórum)



Fórum CDR suscita amplo debate e opera como ferramenta democrática que facilita entendimentos e impulsiona definição da agenda de iniciativas estratégicas de CT&I e Educação.



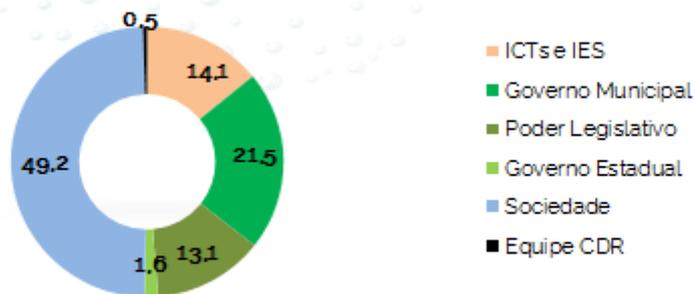
Tabela Governança CDR Composição das equipes CDR Piloto – Campanha, Região de Campina Grande e Sudoeste Paulista

Região	Equipe	TOTAL	Conselho	TOTAL
Região da Campanha	<ul style="list-style-type: none"> Coordenadores: 2 Profissional técnico: 4 Assistente: 1 	7 participantes	<ul style="list-style-type: none"> Titulares: 7 Professores coordenadores: 9 	16 participantes
Região de Campina Grande	<ul style="list-style-type: none"> Coordenador: 1 Profissional técnico: 1 Assistente: 1 	3 participantes		
Sudoeste Paulista	<ul style="list-style-type: none"> Coordenadora: 1 Profissional técnico: 1 Assistente: 1 	3 participantes	<ul style="list-style-type: none"> Titulares: 5 Suplentes: 5 Professores participantes: 15 	25 participantes

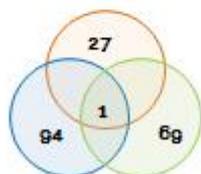


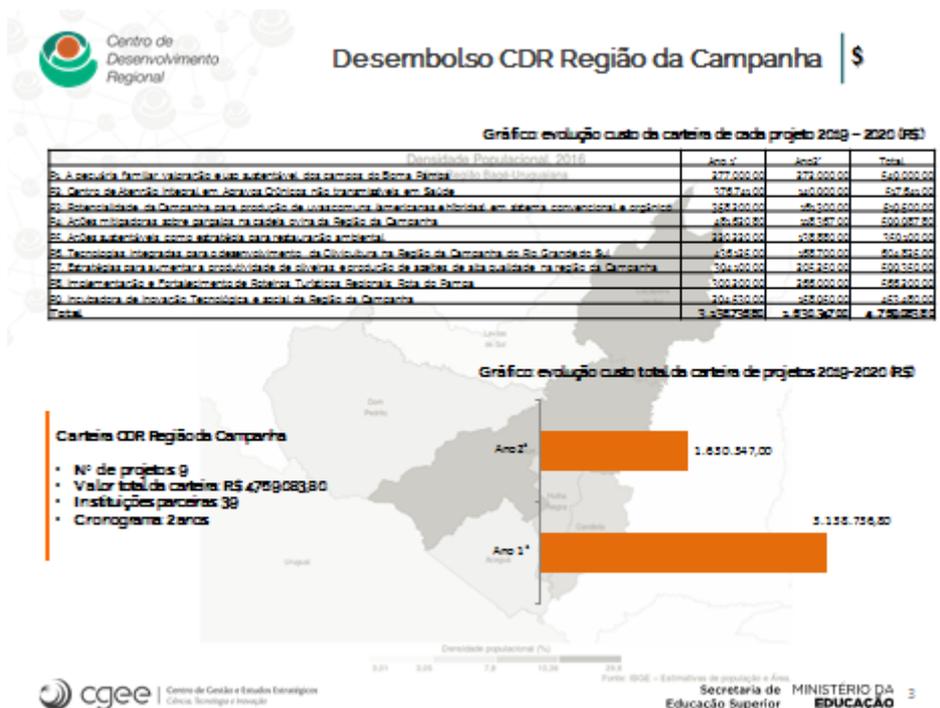
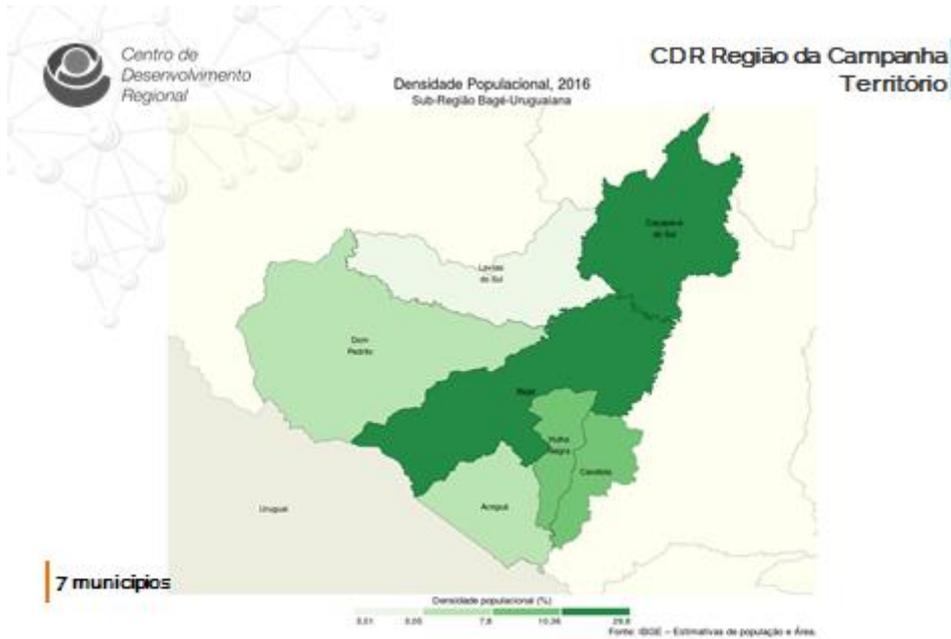
Fórum CDR Sudoeste Paulista: 190 participantes

Fórum CDR Sudoeste Paulista (%)



Fórum CDR Sudoeste Paulista: 190 participantes

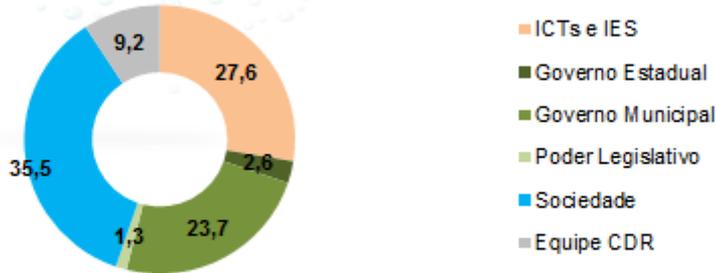




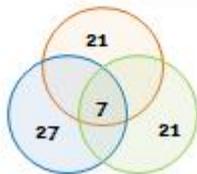


Fórum CDR Campanha: 76 participantes

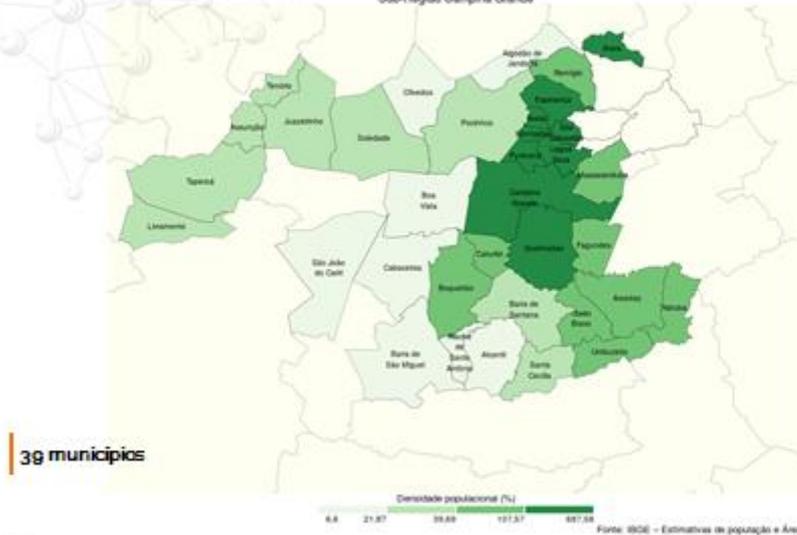
Fórum CDR Campanha (%)



Fórum CDR Campanha: 76 participantes



Densidade Populacional, 2016
Sub-Região Campina Grande



39 municípios

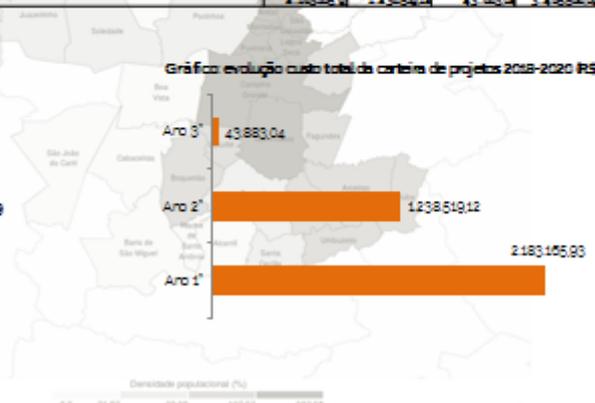
Gráfico evolução custo da carteira de cada projeto 2018 - 2020 (R\$)

Projeto	2018	2019	2020	Total
P1. Disseminação do uso de energia solar fotovoltaica descentralizada em áreas rurais e urbanas	388.210,70	177.200,00	0,00	565.410,70
P2. Políticas de capacitação e desenvolvimento de áreas rurais através do uso de tecnologias alternativas	304.548,00	250.200,00	0,00	554.748,00
P3. Desenvolvimento de sistemas agrícolas de irrigação por captação de águas pluviais para agricultura familiar no semiárido	104.548,00	145.000,00	43.883,04	293.431,04
P4. Reuso de água proveniente de esgoto doméstico tratado para a produção agrícola em comunidades rurais	300.708,00	274.600,00	0,00	575.308,00
P5. Construção de um Sistema Integrado para o desenvolvimento agropecuario da agricultura familiar	348.455,70	204.000,00	0,00	552.455,70
P6. Plano de Ação UICG Sub-região - Gravidade	248.324,00	88.480,00	0,00	336.804,00
P7. Sistema de produção de leite e biofertilizantes em empreendimentos agroindustriais	348.800,00	157.800,00	0,00	506.600,00
Total R\$	2.385.495,40	1.238.519,12	43.883,04	3.667.897,56

Gráfico evolução custo total da carteira de projetos 2018-2020 (R\$)

Carteira CDR Campina Grande

- Nº de projetos 7
- Valor total da carteira R\$ 3.667.897,56
- Instituições parceiras 54
- Cronograma 3 anos

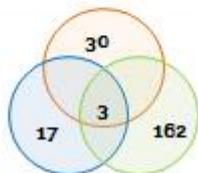




Fórum CDR Região de Campina Grande: 211 participantes



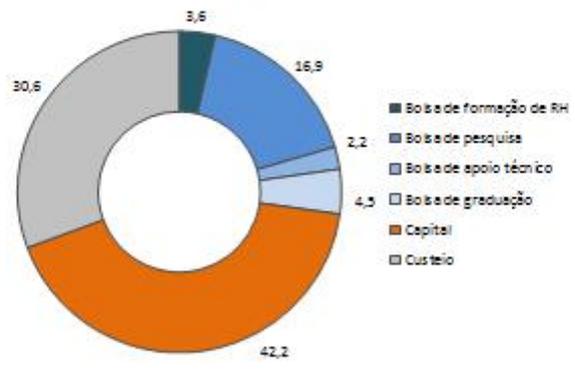
Fórum CDR Região de Campina Grande: 211 participantes





Carteiras CDR %

Gráfico: Composição das Carteiras dos CDRs (%)



Desembolso CDR Sudoeste Paulista | \$

Gráfico: evolução custo da carteira de cada projeto 2018 - 2022 R\$

	2018	2019	2020	2021	2022	Total
Boia de formação de RH	2.000.000,00	2.000.000,00	2.000.000,00	2.000.000,00	2.000.000,00	10.000.000,00
Boia de pesquisa	1.000.000,00	1.000.000,00	1.000.000,00	1.000.000,00	1.000.000,00	5.000.000,00
Boia de apoio técnico	2.000.000,00	2.000.000,00	2.000.000,00	2.000.000,00	2.000.000,00	10.000.000,00
Boia de graduação	1.500.000,00	1.500.000,00	1.500.000,00	1.500.000,00	1.500.000,00	7.500.000,00
Capital	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	10.000.000,00	50.000.000,00
Custeio	1.000.000,00	1.000.000,00	1.000.000,00	1.000.000,00	1.000.000,00	5.000.000,00
TOTAL	17.500.000,00	17.500.000,00	17.500.000,00	17.500.000,00	17.500.000,00	87.500.000,00

Gráfico: Composição da Carteira do CDR Sudoeste Paulista (%)

- Carteira CDR Sudoeste Paulista**
- Nº de projetos: 8
 - Valor total da carteira: R\$ 11.020.074,05
 - Instituições parceiras: 159
 - Cronograma: 5 anos

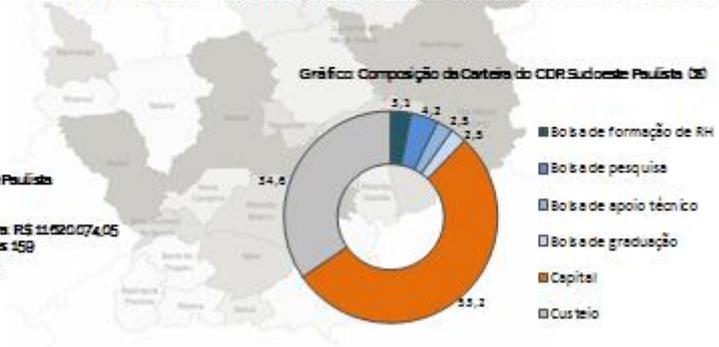


Gráfico evolução custo da carteira de cada projeto 2019 - 2020 (R\$)

	2019	2020	2019	2020	2019	2020	2019	2020	2019	2020	Total
Bolsa de formação de Bacharelado educacional	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
Bolsa de pesquisa	200.000,00	200.000,00	200.000,00	200.000,00	200.000,00	200.000,00	200.000,00	200.000,00	200.000,00	200.000,00	2.000.000,00
Bolsa de apoio técnico	27.000,00	27.000,00	27.000,00	27.000,00	27.000,00	27.000,00	27.000,00	27.000,00	27.000,00	27.000,00	270.000,00
Bolsa de graduação	23.000,00	23.000,00	23.000,00	23.000,00	23.000,00	23.000,00	23.000,00	23.000,00	23.000,00	23.000,00	230.000,00
Capital	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	240.000,00
Custeio	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	24.000,00	240.000,00
TOTAL	544.000,00	544.000,00	544.000,00	544.000,00	544.000,00	544.000,00	544.000,00	544.000,00	544.000,00	544.000,00	5.440.000,00

Gráfico Composição da Carteira do CDR Região da Campanha

Carteira CDR Região da Campanha

- Nº de projetos 9
- Valor total da carteira R\$ 4.759.083,80
- Instituições parceiras 39
- Cronograma 2 anos

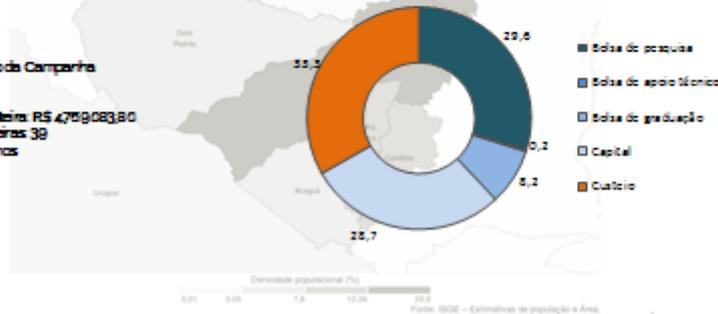


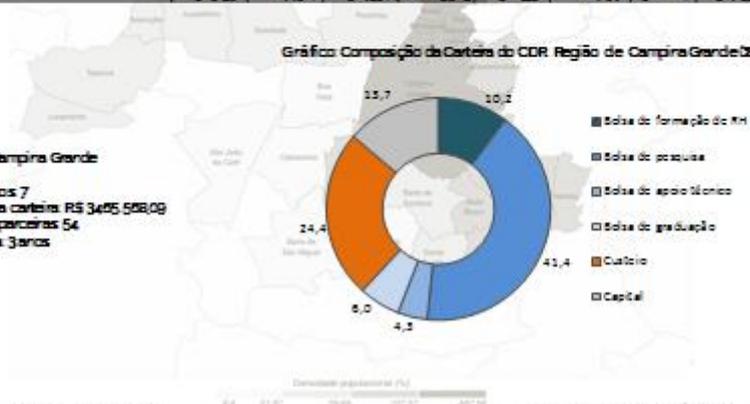
Gráfico evolução custo da carteira de cada projeto 2019 - 2020 (R\$)

	2019	2020	2019	2020	2019	2020	2019	2020	Total
Bolsa de formação de Bacharelado educacional	0,00	277.000,00	0,00	277.000,00	0,00	0,00	0,00	0,00	554.000,00
Bolsa de pesquisa	242.000,00	242.000,00	242.000,00	242.000,00	242.000,00	242.000,00	242.000,00	242.000,00	968.000,00
Bolsa de apoio técnico	0,00	180.000,00	45.000,00	135.000,00	135.000,00	135.000,00	135.000,00	135.000,00	535.000,00
Bolsa de graduação	88.000,00	28.000,00	0,00	28.000,00	28.000,00	28.000,00	0,00	28.000,00	208.000,00
Capital	33.000,00	4.500,00	34.500,00	4.500,00	34.500,00	4.500,00	34.500,00	4.500,00	77.000,00
Custeio	100.000,00	60.000,00	60.000,00	60.000,00	60.000,00	60.000,00	60.000,00	60.000,00	600.000,00
TOTAL	663.000,00	711.500,00	721.500,00	721.500,00	721.500,00	721.500,00	721.500,00	721.500,00	2.848.000,00

Gráfico Composição da Carteira do CDR Região de Campina Grande

Carteira CDR Campina Grande

- Nº de projetos 7
- Valor total da carteira R\$ 3.495.508,08
- Instituições parceiras 54
- Cronograma 3 anos



5. Carteiras de projetos dos CDR piloto

5.1. Tabela Resumo Carteira de Projetos CDR Campanha

Projeto	Cronograma	Municípios	Instituições Parceiras (IES + ICT + outras)	Coordenador do Projeto	Resumo
P1 Ações sustentáveis como estratégia para restauração ambiental	2019 – 2020	Aceguá, Hulha Negra, Candiota.	URCAMP PREFEITURAS DE BAGÉ, HULHA NEGRA, CANDIOTA, LAVRAS DO SUL	Lize Helena Capellari lizecappellari@urcamp.edu.br	Mediante ações de conscientização, disseminação de conhecimentos acerca de espécies nativas para o público em geral, uso e conservação dos recursos naturais da região, promoção de soluções tecnológicas de baixo custo para saneamento e tratamento de efluentes; este projeto busca estabelecer estratégias de desaceleração e reversão do processo de degradação ambiental que sofre o bioma Pampa, provocado por ações antrópicas.
P2 Ações mitigadoras sobre gargalos na cadeia ovina da Região da Campanha	2019 - 2020	Bagé, Lavras do Sul, Caçapava do Sul, Aceguá, Hulha Negra, Pinheiro Machado, Candiota, Dom Pedrito.	EMATER, URCAMP.	Derli João Siqueira da Silva derlisiqueira@urcamp.edu.br	Tendo por base o desenvolvimento e ou a transferência de tecnologias no setor produtivo vinculado à ovinocultura, o projeto busca mitigar uma conjunção de fatores que ocasiona um dos problemas mais significativos dentro do que representa uma das principais atividades econômicas da região, qual seja o baixo índice de natalidade de cordeiros, situação esta que propicia perdas altíssimas aos produtores, bem como à cadeia produtiva como um todo.

P3 Incubadora de Inovação Tecnológica e social da Região da Campanha	2019 - 2020	Bagé.	URCAMP, PREFEITURA DE BAGÉ.	Fábio Josende Paz fabiopaz@urcamp.edu.br	Buscando promover o empreendedorismo e um ambiente favorável à potencialização de iniciativas e soluções aos problemas locais, o projeto visa estabelecer uma incubadora de inovação tecnológica e social, mediante ações de diagnóstico das carências regionais, das necessidades dos jovens empreendedores, promoção de capacitações, treinamentos e apoio aos diferentes empreendimentos, bem como fomentar a autonomia e autogestão dos mesmos, face às necessidades e oportunidades da região.
P4 Implementação e Fortalecimento de Roteiros Turísticos Regionais: Rota do Pampa	2019 - 2020	Bagé, Lavras do Sul, Caçapava do Sul, Aceguá, Hulha Negra, Pinheiro Machado, Candiota, Dom Pedrito.	SENAC, PREFEITURA DE BAGÉ, ADAC, URCAMP.	Clarisse Ismério clarisseismerio@urcamp.edu.br	Esta proposta visa desenvolver e consolidar roteiros turísticos na região da campanha, a partir da perspectiva de construção junto aos atores locais. Neste contexto, o projeto se desenvolve mediante o reconhecimento e construção dos mesmos, a qualificação destes enquanto produtos turísticos, passando pelo fomento à educação e formação dos atores, da qualificação da produção associada ao turismo, à conservação ambiental e cultural, assim como promovendo a conscientização acerca da valorização do patrimônio ambiental e cultural da região.

<p>P5 Estratégias para aumentar a produtividade de oliveiras e produção de azeites de alta qualidade na região da Campanha</p>	<p>2019 - 2021</p>	<p>Caçapava do Sul, Pinheiro Machado, Dom Pedrito, Livramento.</p>	<p>EMBRAPA, UFSM, UNIPAMPA.</p>	<p>Vagner Brasil vagnercosta@unipampa.edu.br</p>	<p>Sendo que a produção de oliveiras e azeites vem se constituindo enquanto atividade econômica crescente e com capacidade de produzir quantidade e qualidade, este projeto visa identificar cultivares adequados à realidade agrônoma da região, determinar as necessidades nutricionais para a otimização da produção destas variedades, desenvolvimento de um software que avalie o estado nutricional destas variedades com vistas a maximizar e qualificar a produção, o melhor ponto de colheita, bem como, mediante ações de capacitação do setor produtivo e análises físico-químicas e sensoriais dos produtos</p>
<p>P6 Potencialidade da região da campanha do rio grande do sul para produção de uvas comuns (americanas e híbridas) em sistema convencional e orgânico</p>	<p>2019 - 2021</p>	<p>Bagé, Caçapava do Sul, Pinheiro Machado, Dom Pedrito.</p>	<p>Prefeituras municipais, EMATER, URCAMP.</p>	<p>Rafael Lisandro Schumacher rafaelschumacher@unipampa.edu.br</p>	<p>A vitivinicultura vem se consolidando há anos na região da campanha não somente pela qualidade dos vinhos associada à situação geográfica e às condições climáticas, atributos que tem permitido progressiva valorização e reconhecimento destes produtos em mercados diferenciados e rentáveis, mas enquanto atividade com presença marcante na economia regional. Face a isto, a proposta visa avaliar e desenvolver a produção de variedades uvíferas para produção de sucos, adaptáveis à região, em sistemas de produção orgânicos e convencionais, avaliando as qualidades físico-químicas e sensoriais em ambos sistemas e, os compostos bioativos resultantes de cada processo, assim como a viabilidade dos respectivos sistemas.</p>

<p>P7 Tecnologias integradas para o desenvolvimento da Olivicultura na Região da Campanha do Rio Grande do Sul</p>	<p>2019-2020</p>	<p>CANDIOTA, BAGÉ,</p>	<p>C-VALE, EMATER, BUENO WINES, MAPA, ARGOS E IMBRAOLIVA</p>	<p>Rosete Kohn rosetekohn@urcamp.edu.br</p>	<p>Tendo em vista aspectos como qualidade e diferenciação dos derivados da olivicultura, esta proposta busca identificar e caracterizar variedades de espécies e azeites, seus vínculos, a reprodução de mudas das variedades com as melhores avaliações, identificação e contenção de doenças e pragas que afetam estes cultivos, bem como o desenvolvimento de alternativas para subprodutos e resíduos da produção de azeites e azeitonas, criando novos produtos cosméticos e alimentares e capacitando os produtores nos diferentes processos.</p>
<p>P8 Centro de Atenção Integral em Agravos Crônicos não transmissíveis em Saúde</p>	<p>2019-2020</p>	<p>BAGÉ</p>	<p>HOSPITAL UNIVERSITÁRIO, URCAMP, Fundação Átila Taborda, Prefeitura de Bagé/Secretaria de Saúde; Secretaria Estadual de Saúde.</p>	<p>Ana Paula Menezes anamenezes@urcamp.edu.br</p>	<p>Mediante a implantação de um serviço de referência em atenção integral a doenças crônicas não transmissíveis, buscando a prevenção das mesmas, bem como a sua prevenção e a recuperação, este projeto busca incidir em um tipo de doenças que tem proliferado na região sem a estrutura devida para a sua mitigação.</p>

<p>P9 A pecuária familiar, valoração e uso sustentável dos campos do bioma pampa.</p>	<p>2019-2020</p>	<p>Bagé, Lavras do Sul, Caçapava do Sul, Dom Pedrito.</p>	<p>URCAMP, ADAC, COOPERALTO CAMAQUÃ, UFPEL, EMBRAPA, UNIPAMPA, UFSM.</p>	<p>Anabela Deble anabeladeble@urcamp.edu.br</p>	<p>Numa região em que aproximadamente 70% dos produtores rurais são pertencentes à categoria social pecuária familiar e onde a base de produção são os campos naturais do bioma Pampa, a proposta visa desenvolver e promover estratégias de uso, conservação e potencialização dos recursos naturais que constituem a base produtiva destas famílias rurais. Assim sendo, propõe-se a realizar levantamento florístico, identificação e caracterização de espécies forrageiras, seu potencial nutricional, estratégias melhoramento de áreas degradadas, capacitação dos produtores e produção e disseminação de material gráfico contendo as informações produzidas.</p>
---	------------------	---	--	--	--

5.2 Tabela Resumo: Carteira de Projetos Sudoeste Paulista

Projeto	Cronograma desembolso	Municípios no território CDR	Instituições parceiras	Coordenador do Projeto	Resumo
P1 OUSAR	2018 - 2022	Angatuba; Buri; Campina do Monte Alegre; Paranapanema; Itapeva.	UFSCar	Gustavo Fonseca de Almeida gufoal@ufscar.br	Capacitar, testar e documentar o potencial dos sistemas alimentares agroecológicos nos municípios de Buri, Campina do Monte Alegre, Angatuba, Paranapanema e Itapeva como enfrentamento à insegurança alimentar, mudanças climáticas e degradação ambiental. Dimensionar e fornecer soluções específicas à produção e alimentação saudável, degradação ambiental e mudanças climáticas no contexto do Sudoeste Paulista, ao mesmo tempo em que buscará promover o aumento da produtividade da agricultura familiar, da equidade e do equilíbrio de gênero e geracional por meio de ações conexas com a sustentabilidade da agricultura, da evolução das paisagens e dos sistemas alimentares.
P2 Serrapilheira	2018 - 2021	Angatuba; Buri; Campina do Monte Alegre; Itapeva;	UFSCar	Alberto Carmassi carmassi@ufscar.br	Pesquisar e desenvolver fertilizantes orgânicos (ex. adubos) e processos produtivos (ex. energia por biogás) livres de contaminantes a partir da reciclagem de resíduos da agropecuária do Sudoeste Paulista (ex. esterco animal e resíduos da indústria da madeira) e estimar a capacidade dessas tecnologias em reduzir a emissão de Gases de Efeito Estufa (GEE) na agricultura regional.
P3 Rede Agroecológica	2018 - 2020	Angatuba, Apiaí, Bom Sucesso do Itararé, Buri, Campina do Monte Alegre, Capão Bonito, Guapiara, Itapetininga,	APDS APTA FATEC	Vera Paes de Barros vpaes@apta.sp.gov.br	Ampliar a produção agrícola de base agroecológica do Sudoeste Paulista a partir do fortalecimento de uma rede de propriedades rurais que já possuem práticas sustentáveis de produção e da expansão dessa rede para outras propriedades rurais, tendo como base o conhecimento gerado pela pesquisa científica. A proposta da Rede Agroecológica da Bacia Hidrográfica do Alto Paranapanema é estruturar e consolidar 4 Unidades de Referência (UR) em propriedades rurais que já possuem

		Itapeva, Itapirapuã Paulista, Itararé, Nova Campina, Paranapanema, Ribeira, Ribeirão Grande, Ribeirão Branco, São Miguel Arcanjo e Taquarivaí			certificação orgânica (Lei Federal nº 10.831/03) e são referências para demais agricultores familiares nos municípios de Buri, Capão Bonito, Guapiara e Ribeirão Grande. Dessa forma visa promover capacitações e Assistência Técnica em Agricultura Orgânica, ambas à luz do conhecimento científico, criação de uma plataforma digital (software e aplicativo para celular) para organização da produção orgânica e venda da mesma via delivery, e realizar um estudo de mercado no município de Sorocaba/SP para venda de produtos orgânicos dos produtores da Rede.
P4 Núcleo Turismo	2019 - 2022	Capão Bonito; Guapiara; Ribeirão Grande;	Associação Comercial de Capão Bonito; Floresta Nacional de Capão Bonito; Parque Estadual Intervales; Parque Estadual Nascentes do Paranapanema; IDEAS – Instituto de Desenvolvimento Ambiental; FATEC ETEC	Ezer de Oliveira f174dir@cps.sp.gov.br r	O Núcleo de Empreendedorismo e Inovação para o Turismo Regional Sustentável (NEITRS) visa constituir um espaço articulado entre produção de conhecimento, formação e compartilhamento. Com a especial finalidade em propiciar caminhos e trocas entre o saber fazer das instituições, base de dados, informações e pesquisas existentes, bem como as temáticas permanentes, transversais e emergentes envolvendo turismo sustentável, tecnologia, educação e cultura.
P5 Bambu	2018 - 2022	Apiiaí, Bom Sucesso do Itararé, Buri, Campina do Monte Alegre, Capão Bonito, Guapiara, Itaberá, Itaóca, Itapeva, Itararé, Nova	UNESP	Juliana Cortez Barbosa jucortez@itapeva.unesp.br	Fortalecer parcerias em diversas áreas de atuação e conhecimento com foco em materiais lignocelulósicos, principalmente bambu, para ações e atividades simultâneas de desenvolvimento regional em regiões com baixo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) e de pobreza extrema em Itapeva e todo o sudoeste do Estado de São Paulo, com a geração de trabalho e renda através de capacitações e desenvolvimento de novos Produtos de Maior Valor Agregado (PMVA's).

		Campina, Ribeirão Branco, Ribeirão Grande, São Miguel Arcanjo, Taquarivaí,			
P6 SUASA	2019 - 2019	Angatuba; Apiaí; Arandu; Barão de Antonina; Barra do Chapéu; Bom Sucesso do Itararé; Buri; Campina do Monte Alegre; Capão Bonito; Guapiara; Guareí; Iporanga; Itaberá; Itaóca; Itapetininga; Itapeva; Itapirapuã Paulista; Itaporanga; Itararé; Nova Campina; Paranapanema; Ribeira; Ribeirão Branco; Ribeirão Grande; Riversul; São Miguel Arcanjo;	UFSCar	Naaman Nogueira naaman.nogueira@yahoo.com.br	Articular e implantar o Sistema Brasileiro de Inspeção de Produtos de Origem Animal (SISBI-POA) no Sudoeste Paulista, em conformidade com o Sistema Unificado de Atenção a Sanidade Agropecuária (SUASA), e constituir o Consorcio Público que se responsabilizará pela execução do SISBI-POA.

		Taquarivaí;			
P7 Produção Integrada	2019 - 2019	Capão Bonito; Ribeirão Grande.	FATEC	Claudia Moster Barros claumoster@yahoo.com.br	Contribuir para o desenvolvimento econômico e social no sudoeste paulista, a partir da aptidão regional com potencial para a produção integrada de alimentos e florestas na propriedade rural, aliada ao turismo científico, gastronômico, cultural e de atividades em áreas naturais.
P8 Milho Crioulo	2019 - 2021	Capão Bonito; Guapiara; Ribeirão Grande; São Miguel Arcanjo.	APTA UFSCAR	Cristina Fachini misstina80@gmail.com	Fortalecimento da economia regional por meio do resgate cultural do sistema alimentar do milho no território, valorizando os saberes e práticas tradicionais de produção do milho crioulo, associados à produção e comercialização de pratos típicos a base de milho e uso para fins turísticos. Associação dos conhecimentos tradicionais aos diferentes tipos de tecnologias geradas pelas instituições de pesquisa presentes no território Sudoeste Paulista ampliando assim as possibilidades econômicas para agricultores familiares e pequenos empreendedores urbanos.

5.3 Tabela Resumo Carteira de Projetos CDR Campina Grande

Projeto	Cronograma do Projeto	Municípios	Instituições Parceiras (IES + ICT + outras)	Coordenador do Projeto	Resumo
P1 Disseminação do uso da energia solar fotovoltaica descentralizada em áreas rurais e urbanas	2018 - 2020	Esperança Areial Assunção Cabaceiras S. Sebastião de Lagoa de Roça	Instituto Federal da Paraíba Universidade Federal de Campina Grande Associação de agronegócios das cooperativas, organizações comunitárias, associações e assentamentos rurais do Estado da Paraíba –IACOC Incubadora de Artefatos de Couro e Calçados - INAC	Walmeran José Trindade Júnior walmeran@gmail.com	Disseminar o uso da energia solar fotovoltaica descentralizada em áreas urbanas e rurais na 3ª Região Geoadministrativa do Estado da Paraíba, a partir de instalações de sistemas fotovoltaicos demonstrativos em escolas públicas, em agroindústrias comunitárias e em sistemas produtivos da agricultura familiar.
P2 Práticas de conservação e recuperação de áreas degradadas através do uso de tecnologias alternativas	2018 - 2020	Cabaceiras Taperoá Esperança Queimadas Boqueirão Livramento	Instituto Federal da Paraíba Universidade Federal de Campina Grande Instituto Nacional do Semiárido Associação de Agricultores	Hugo Morais de Alcântara hugodabacia@yahoo.com.br	Implementar práticas de conservação e recuperação de áreas degradadas através do uso de tecnologias alternativas, mediante instalação de 2 (duas) áreas piloto em 2 (dois) municípios da 3ª região geoadministrativa do Estado da Paraíba, com as seguintes ações: construir barramentos tipo base zero e cobertura vegetal morta; recompor o banco de sementes no solo; realizar o plantio de mudas de espécies nativas da Caatinga; implantar tecnologias sociais de irrigação com baixo consumo de água-IrrigaPet.

<p>P3 Desenvolvimento de sistema simplificado de irrigação localizada por capilaridade para a agricultura familiar no semiárido</p>	<p>2018 - 2020</p>	<p>Cabaceiras Taperoá Queimadas Boqueirão Areial</p>	<p>Instituto Federal da Paraíba Universidade Federal de Campina Grande</p> <p>ONG(s) Cooperativa(s) de reciclagem</p> <p>Sindicato de Produtores rurais dos municípios citados, onde serão aplicadas ações do projeto Associação dos moradores dos municípios alvo do projeto.</p> <p>Prefeituras dos municípios citados</p>	<p>Frederico Campos Pereira frederico.pereira@ifpb.edu.br</p>	<p>Sistema simplificado de irrigação localizada por capilaridade, utilizado por agricultores familiares na produção de mudas, em hortas orgânicas e no cultivo de plantas típicas da caatinga. São dispositivos simples de irrigação, a partir da reutilização de recipientes plásticos descartados e resíduos têxteis sintéticos oriundos de indústrias de vestuário da região. O projeto visa construir e instrumentar canteiros e locais de teste, com 100 m² em cada local, inicialmente em dois municípios da 3ª Região Geoadministrativa da Paraíba.</p>
<p>P4 Reuso da água proveniente de esgoto doméstico tratado para a produção agrícola em comunidades rurais</p>	<p>2018 - 2020</p>	<p>Cabaceiras Taperoá Lagoa Seca Campina Grande Queimadas Natuba</p>	<p>Universidade Federal de Campina Grande</p> <p>Universidade Federal da Paraíba</p> <p>Associação de produtores rurais</p> <p>Governo do Estado Prefeituras dos municípios alvo do projeto</p>	<p>Sérgio Murilo Santos de Araújo sergiomurilosa.ufcg@gmail.com</p>	<p>Sistema para tratamento de esgoto doméstico, através do reuso da água para a produção agrícola em comunidades rurais em municípios da 3ª Região Geoadministrativa de Campina Grande-PB. Serão implantados sistemas de tratamento e reuso da água, seja o de fossa biodigestor para tratamento de esgoto sanitário e o de tratamento de águas cinzas sem comunidades rurais; e o sistema de irrigação eficiente para a aplicação de água servida após tratamento simplificado.</p>

<p>P5 Construção de um Sistema Interativo para os empreendimentos agroindustriais da Agricultura Familiar da 3ª Região Geoadministrativa do Estado da Paraíba.</p>	<p>2018 - 2020</p>	<p>Queimadas S. Sebastião de Lagoa de Roça Natuba Umbuzeiro</p>	<p>Universidade Federal de Campina Grande - UFCG</p> <p>Associação de agricultores familiares</p> <p>Associação de agronegócios das cooperativas, organizações comunitárias, associações e assentamentos rurais do Estado da Paraíba - IACOC</p>	<p>Ricélia Maria Marinho Sales riceliamms@gmail.com</p>	<p>Construir um sistema interativo a partir de geoinformações que apontem as vocações, os desafios e as potencialidades dos empreendimentos agroindustriais da Agricultura Familiar, visando o encadeamento da malha produtiva e o desenvolvimento regional sustentável na 3ª Região Geoadministrativa do Estado da Paraíba, através da catalogação dos empreendimentos agroindustriais; Mapas da Comercialização dos Produtos e Oportunidades da Agricultura Familiar; criação de <i>site</i> e perfis nas redes sociais para viabilizar os contatos diretos e fomentar a produção e comercializados dos bens e serviços dos empreendimentos agroindustriais; criação de uma marca/selo coletiva(o) para fortalecer a identidade regional/territorial e um portfólio sobre os empreendimentos.</p>
<p>P6 Filtro de Água UV+G (Ultravioleta + Gravidade)</p>	<p>2018 - 2020</p>	<p>Natuba Umbuzeiro Taperoá Cabaceiras Boqueirão</p>	<p>Instituto Federal da Paraíba – IFPB</p> <p>Universidade Federal de Campina Grande – UFCG</p> <p>Associações de mulheres</p> <p>Associação de agricultores familiares existentes nos municípios alvo dos projetos</p>	<p>Francisco Fechine Borges francisco.fechine@ifpb.edu.br</p>	<p>Desenvolver um filtro-purificador de água baseado em princípios combinados de filtração por vela cerâmica e desinfecção por luz ultravioleta, para utilização prioritária pela população rural. Serão montados e instalados 20 filtros, para serem testados nas residências. O projeto visa contribuir para a melhoria da saúde e da qualidade de vida da população rural difusa da 3ª Região Geoadministrativa da Paraíba, que normalmente não tem acesso direto a sistemas de abastecimento de água tratada, por meio da purificação da água disponível nas cisternas.</p>

<p>P7 Sistema de produção de biogás e biofertilizantes em empreendimentos agroindustriais 3ª Região Geoadministrativa do Estado da Paraíba.</p>	<p>2018 - 2020</p>	<p>Natuba Caturité S. Sebastião de Lagoa de Roça Umbuzeiro</p>	<p>Universidade Federal de Campina Grande</p> <p>Associação de agronegócios das cooperativas, organizações comunitárias, associações e assentamentos rurais do Estado da Paraíba - IACOC Incubadora de Artefatos de Couro e Calçados - INAC</p> <p>Associação de agricultores familiares dos municípios alvo do projeto</p>	<p>Mônica Tejo Cavalcanti monicatejoc@yahoo.com.br</p>	<p>Implantar sistema de biodigestores em empreendimentos agroindustriais, visando a produção de biogás para cogeração de energia elétrica ou térmica e de biofertilizantes para a produção agrícola nas comunidades rurais. O projeto visa instalar 2 unidades piloto de biodigestão e bioenergia/biofertilizante em empreendimentos agroindustriais da 3ª Região Geoadministrativa do Estado da Paraíba. Visa utilizar o biogás para cogeração de energia elétrica ou térmica com fins domésticos e/ou nos empreendimentos agroindustriais e o biofertilizante gerado no processo de biodigestão para o manejo agrícola e o cultivo caracterizado como orgânico.</p>
---	--------------------	--	---	---	---